N.º 32 ★ 9-8-51
Cr$ 3,00
em todo o Brasil

A CENA muda

CINEMA
RÁDIC
MÚSICA
NOVIDADES



088



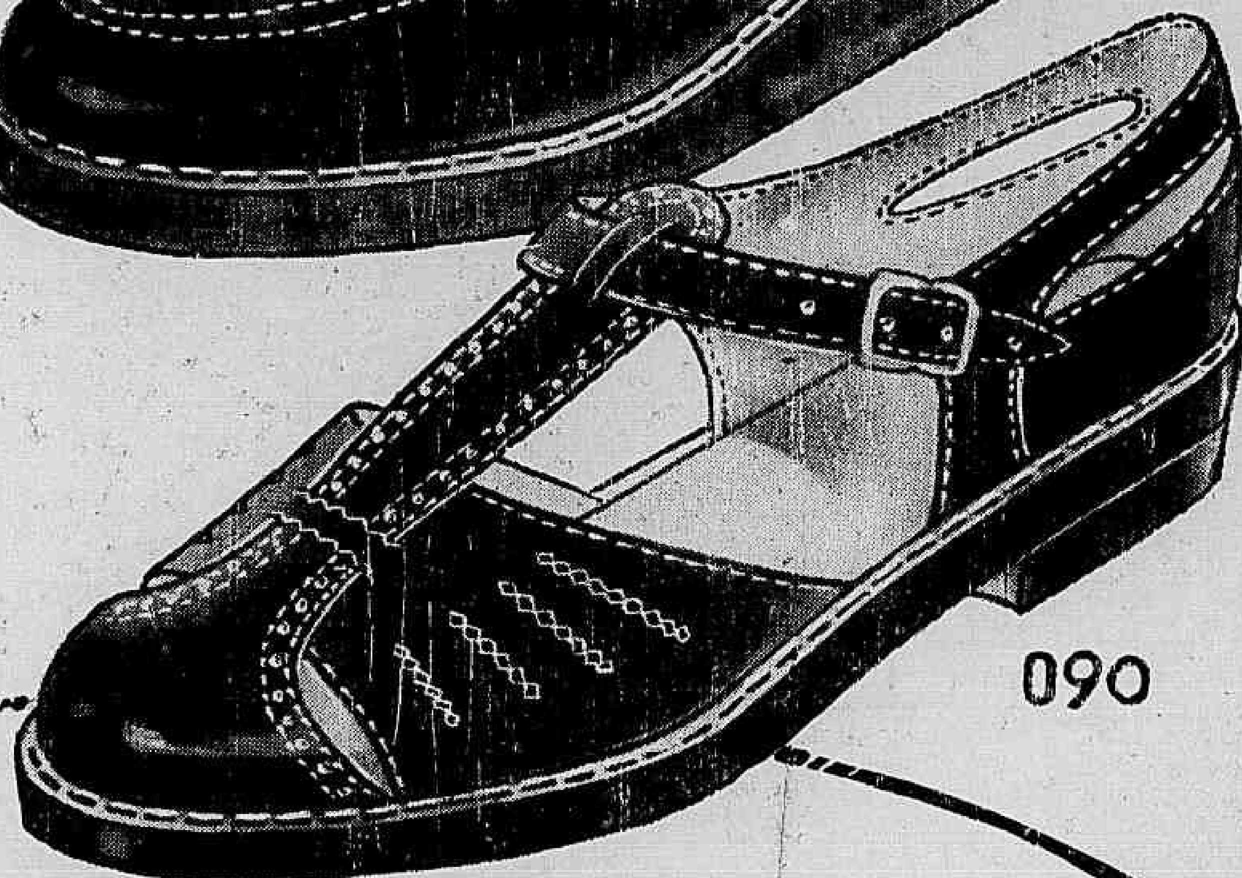
088 — Cr$ 175,00. Lindo sapato-sandália em naco laranja cem por cento esportivo. Núm.: de 36 a 44.

089 — Cr$ 195,00. Ótimo sapato com sola de borracha puro latex, anabela. Núm.: de 36 a 44. Tôdas as côres.

090 — Cr$ 150,00. Um sapato-sandália que é um encanto. Linhas acentuadamente másculas, prático, elegante, com salto de borracha. Núm.: de 36 a 44.



089



090

Remetemos para todo o Brasil. Porte 5 cruzeiros. Não fazemos reembôlso.

INSINUANTE é uma galeria à sua disposição, com água GELADINHA sempre às suas ordens.

insinuante *devolve a importancia com o mesmo sorriso com que lhe vende*

AT. SEMOG

CARIOCA, 46-48 - SETE SETEMBRO, 199-201

BRANCO NO PRÊTO

AS Minas do Rei Salomão, filme da Metro, teve também, pela Comissão Central de Preços, majorado o preço dos ingressos para Cr$ 10,00, mesmo sem atingir o limite estipulado pela lei. Com menos de duas horas de projeção, não compreendemos por que essa película fugiu à regra. Com "Sansão e Dalila", havia a " justificativa" de que a fita era mais longa do que as normais. De qualquer forma, é uma coisa que está errada e com que não se deve facilitar. Pelo fato de se apresentar um filme colorido e com grande onda de publicidade, não quer dizer que êle valha Cr$ 10,00 por cabeça. Do contrário, os produtores continuarão descobrindo outras "minas"...

★

COMPLETAMENTE fora de moda, é o uso do chapéu. Ao menos nos cinemas. Isso fica melhor para o "Sweepstake", onde as damas da sociedade gostam de exibir as suas "toilettes", recém-importadas de Paris. Mas ainda há certas senhoras que não dispensam êsse complemento do vestuário e fazem questão de exibí-lo, com suas penas compridas e passarinhos luminosos, dentro de uma sala de projeção. O espectador que está atrás é obrigado a ver o modêlo —mas não vê o filme. Os *vagalumes* deviam mandar tirar o chapéu como mandam apagar o cigarro. Dos males, o menor.

★

E continuam faltando casas de espetáculos. Dizem os entendidos que os proprietários do "trust", pagando aluguéis antigos pelos seus barracões, não se aventuram a construir outros cinemas, que, na época de hoje, sairiam carissimos, para cobrar a migalha de Cr$ 7,70 por ingresso. Daria prejuizo na certa. Por isso, os cinemas que estão sendo construídos, por financistas de iniciativa particular, vão em marcha lenta. Quando vier a concorrência é que a coisa vai mudar de figura. Quem cobrar menos, lucra mais. O cinema é um comércio como outro qualquer.

★

NUNCA é tarde para se assistir aos filmes de Selznick. Depois de muito lero-lero, a U.C.B. resolveu atender às exigências do milionário produtor norte-americano, e o Brasil conhecerá, finalmente, as famosas películas: "Duelo ao Sol", "Agonia de Amor", "O Terceiro Homem", "O Idolo Caído" e "Jennie". Grande negócio. Para Selznick, para a U.C.B. — e para o público.

★

AH! Se tivéssemos que escolher um dos ramos da cinematografia, com fins de lucros exorbitantes, entre a produção, a realização, a distribuição e a exibição, certamente escolheríamos esta última. E' a mais certa — e menos arriscada.

POEMA

(Modernista, sem segundas intenções. Só primeiras).

Saudade

Tenho saudades, eu tenho
Dos tempos da minha infância
Quando os ingressos dos cinemas
Custavam apenas
Cr$
2,20
E a gente via cada fita
Formidável
De mocinho
De bandido
De aventura
De mistério
De pavor
E torcia nas cadeiras de pau
Que até hoje são
De pau,
De pau,
De pau.
As mesmas cadeiras
Os mesmos filmes
Os mesmos cinemas
As mesmas pulgas
E só o preço mudou
Tenho saudades, eu tenho
Dos tempos da minha infância
Onde tudo era duro
De pau
Mas não havia
Cinema Nacional.

leon eliachar

A CENA Muda

SEMANÁRIO DE ARTE

Nº 32 ★ 9-8-51

Sumário

Branco no prêto 3
Poema (Leon Eliachar) 3
Cine-Horóscopo (Ali Kasmut) 4
A Hollywood que eu vi (Alberto Conrado) 5
Rádio-curiosidades 8
O que vimos na tela (L.E.) 8
O que ouvimos no rádio (A.C.) 9
Mexericos 9
Confissões de Maria Felix (Alberto Conrado) 10
O capitão Atlas (Fred Clark) 12
Itinerário da Música (Oswaldo da Cunha) 14
Flashes Mundiais 16
Jane Russell 18
Chegou a vez dos camelots (Iris Alomai) 19
Começou cantando em «dancings» (Antônio Rocha) 20
Carnet do Rádio 22
Uma mulher por dia (Cine-romance) 23
Candidate-se ao cinema brasileiro 26
Coluna do fã 28
Paul Weston (close-up) 30
Melodias para você 31
Fichário Cinematográfico (Frankie) 32
Música (Oswaldo da Cunha) 33
Pausa para meditação 34
Endereços de estúdios 34

NA CAPA: **JANE WYMAN** — (Warner)

E X P E D I E N T E

Fundado em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Diretor-presidente. Gratuliano Brito. Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar.

Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: — Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Endereço telegráfico: «Revista». número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 150,00. Semestral (26 números), Cr$ 75,000. Registrada: Anual, Cr$ 180,00. Semestral, Cr$ 90,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 280,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa. África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: «Inter-Prensa», Florida, 229, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor.

★

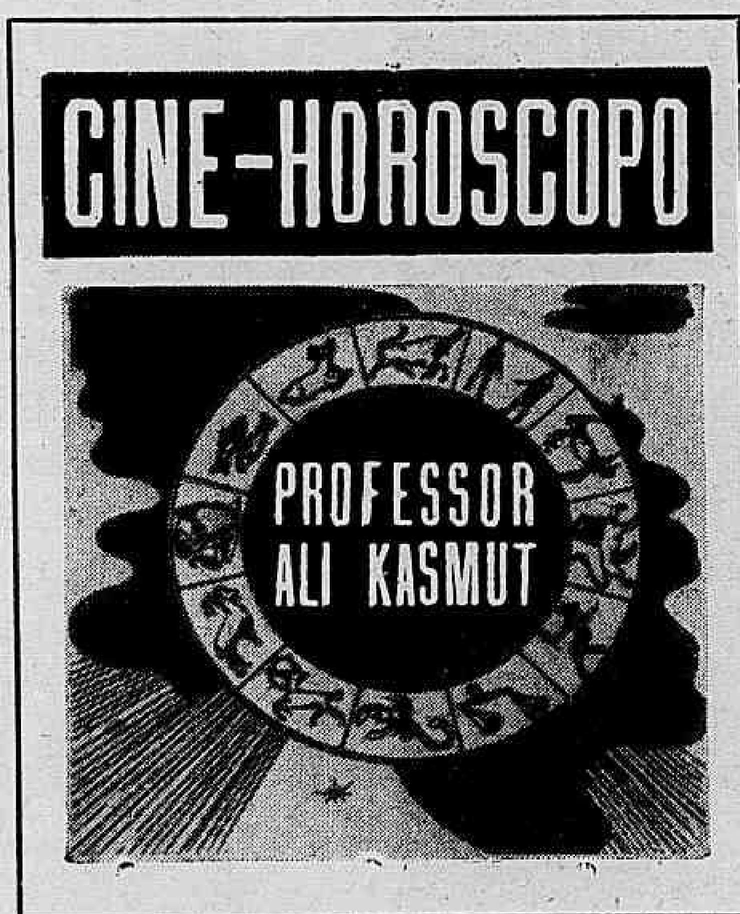
Distribuição em São Paulo: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 4-1569. Rua da Conceição, 58 — 1º andar — Tel. 36-6718

Correspondente em Hollywood: THOMAS KEENE
VIOLET KINNEY

CORRESPONDENTE EM PARIS
JEAN DELMAR

Redator-Chefe da Publicidade: Severino Lopes Guimarães

IMPORTANTE:
O preço desta revista é de Cr$,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.



Quer conhecer seu destino? Pois veja o das estrêlas e se você nasceu num dêstes dias, aplique-se êste horóscopo que tanto serve para homens como para mulheres.

★


Sílvia Sidney

10 de agôsto — Sylvia Sidney. — Não gosta que ninguém se imponha sôbre ela. Apesar de dominadora por natureza, é compreensiva e caritativa.

★


Lloyd Nolan

11 de agôsto — Lloyd Nolan. — Aguarda-o uma vida bem ruidosa, ativa, rodeada de amigos que o admiram. Possui valentia para impor suas convicções e um grande talento. Aguarda-o uma era de felicidade.

★


Denis O'Keefe

12 de agôsto — Warner Baxter, Denis O' Keefe. — Deve atuar com um pouco mais de humanidade. Possui um encanto que sabe «enganar», porém, tende a ser brusco com os demais. Tem tôdas as condições para conquistar amigos.


Turban Bay

13 de agôsto — Gene Raymond, Turban Bay. — Domina uma mente erudita. E' astuto em suas observações sôbre a natureza humana e inclina-se a examinar as coisas com excessivo cuidado. Deve deixar-se guiar pela intuição.

14 de agôsto — Freddie Bartholomew, Flora Robson, Charles Starret. — E' empreendedor e perseverante nas suas atividades. Mostra-se executivo e possui uma habilidade para comandar a gente.


Charles Starret

★

15 de agôsto — Turhan Bey, Glória Swanson. — E' amante da música e das belas artes. Dentro do terreno artístico chegará muito longe. Tem afetos pelos demais, sendo seu lar o seu maior centro de atração.


Glória Swanson

★

16 de agôsto — Ann Blyth. — Os rasgos mais salientes de seu caráter são as resoluções e industrialidade. Faz juizo precipitado sôbre os demais.

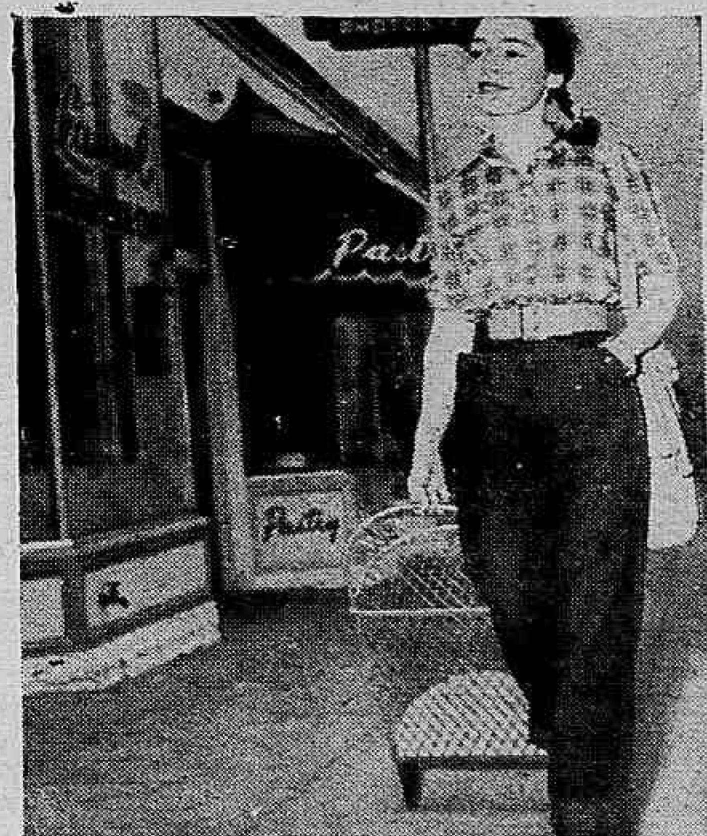

Ann Blyth



A HOLLYWOOD QUE EU VI

ONDE A MENTIRA ENCONTROU SEU VERDADEIRO PEDESTAL ★ AS CABELEIRAS POSTIÇAS DE FRED ASTAIRE, CHARLES BOYER E WILLIAM POWELL ★ A CIDADE QUE NASCEU NUM "SET" TÊM HOJE VIDA PRÓPRIA ★ O PERFEITO SINCRONISMO DO TRÁFEGO DE LOS ANGELES ★ NA MECA DO CINEMA NÃO SE VÊEM POLICIAIS ★ A INFLUÊNCIA DA TRADIÇÃO ESPANHOLA.

Reportagem de ALBERTO CONRADO



De vidro está feito o espírito de Hollywood

Cap. I

COMO chamariíamos Hollywood em nosso idioma? O têrmo mais apropriado é "Cidade de azevinhos", pois isso quer dizer Hollywood. Da abundância de "holly" lhe veio o nome. Era êste um tranquilo lugar, onde alguns homens, opulentos e neurastênicos, tinham erguido frágeis e pitorescos "chalets" de verão. Mais tarde, os primeiros filmes de va-

queiros, os aplaudidos "westerns", elegeram para sua decoração a paisagem em que os azevinhos se multiplicavam triunfantemente. E nasceu Hollywood, a cidade que é um cartão-postal, dêsses tipicos postais norte-americanos, em que aparecem as fôlhas e os frutos roxos do azevinho.

Hollywood não existe. O que existe é a cidade de Los Angeles, à qual está unida urbanamente e a que pertence, no sentido geográfico e municipal. Hollywood não é senão um bairro de Los Angeles; como não os são, entretanto, Pasadena, Glendale, Burbank, Culver City, cidades verdadeiras, registradas no mapa, com cédula de identidade pessoal. O cinema nos engana até nisso. Depois de tudo, não se deve estranhar que a cidade do cinema não exista na vida real. Mas curioso é que nos Estados Unidos existam onze cidades que levam o nome de Hollywood e que, realmente, figuram como cidades. Isto não prova senão que os Estados Unidos são um pais cheio de azevinhos e contradições. Essas são, entretanto, umas Hollywoods sem fama, umas Hollywoods anônimas, cuja noticia não tem percorrido o mundo. Não se têm dedicado ao "globetrotterismo" e à publicidade. Mas a verdadeira inexistência da Hollywood do celulóide e de celulóide não é simplesmente civil; não é que não exista porque não está considerada como cidade nos mapas, ou então porque atualmente não é município nem tem jurisdição, um bispo ou um juiz. Absolutamente. Sua inexistência é efetiva, é real; é uma inexistência fisica e espiritual, porque não é o que deveria ser, o que cremos que é; porque não corresponde ao seu prestigio, à sua sugestão, ao seu encanto; porque Hollywood não existe como a pintam. E' uma cidade vulgar, sem vida, sem ambiente. Uma cidade sem "caché", sem filiação, sem originalidade. Algo deve possuir, entretanto; algo deve ter para que nela envelheçam os extras, para que a ela retornem, atraidos por uma fôrça irresistivel. Talvez seja que Hollywood tenha as propriedades da planta que lhe dá o nome. Pois é de azevinhos que se faz a liga para caçar pássaros. Estranho paradoxo. Ironia desconsertante do destino. E pegados a esta liga vivem estrêlas e palhaços, os farsantes, os dançarinos e os músicos. Não se esqueça, leitor, que liga quer também dizer união, mistura, confederação. A cidade onde a farsa lançou profundas raizes. Tudo em Hollywood é simulado, tudo é irreal.

Não falemos duma vez da cidade cartão, porque cairemos no imperdoável da repetição. O palácio de "papier-maché" é uma necessidade derivada de causas técnicos e práticas. Existem outros aspectos desta irrealidade mais interessantes, mais curiosos. Por que Hollywood é a cidade da hipérbole na sua expressão mais depurada e extrema, essa forma de exageração que chega a alterar os naturais contornos de tôdas as coisas até transfigurá-las e, mais exatamente, até transubstanciá-las: quer dizer, até mudar a coisa mesma. A hipérbole é, de certo modo, uma forma sancionada da mentira. E desta matéria está feito o espirito de Hollywood. Além da necessidade de construir a farsa, sobrepassando seus elementos indispensáveis, se tem criado uma atmosfera de artificio, que norteia a conduta de quem atua dentro do âmbito cinematográfico.

Já não se trata sòmente de que o ator calvo possua uma peruca, como no caso de Fred Astaire, William Powell ou Charles Boyer (dizem que a água de Hollywood incha os olhos e faz cair o cabelo), nem tampouco de que o cantor sem voz se faça "doublar" ou de que o cômico pouco favorecido pela natureza use saltos inverossimeis, por dentro e por fora, para aumentar sua estatura. Trata-se da falsa voz emitida na vida diária, dos empinados saltos que se levam fora do cinema. Voz e saltos espirituais tratam a hipérbole de Hollywood, a cidade onde mais se mente no mundo. Porque é sempre falsa a notícia que o público recebe desta vila fabulosa, verdadeira peninsula de Sanchos armados cavaleiros da fortuna e da glória, sem autêntica glória, e muitas vêzes, sem fortuna. Basta recordar, para comprová-lo,



O sincronismo do tráfego de Los Angeles é perfeito.





Charles Boyer, William Powell, Fred Astaire as três mais famosas cabeleiras postiças do cinema.

que, na maioria dos casos, os artistas de Hollywood apenas deixam, ao morrer, uma apertada coluna de dividas, sem que jamais possamos investigar que sorte levaram seus fantásticos caudais. Como é lógico supor-se esta realidade do irreal se prolonga indefinidamente. E, assim, temos o produtor de quatro centavos com ares de milionário, o ator ostentoso que tem até o sorriso hipotecado e o modesto comediante, que ganha vinte e cinco dólares e confessa quatrocentos, que é uma forma de tirar-lhe a idade ao patrimônio. Para que êste regime não seja alterado, o objetivo propagandístico faz uso de todos os seus recursos. E é assim também que temos visto filmes de 80 mil dólares serem anunciados por uma companhia, de cuja seriedade não tínhamos nunca duvidado, como uma produção de 350 mil dólares. A exageração cumpre, pois, um importante papel na vida de Hollywood, a cidade imaginária das estrêlas, a terra fértil dos acebos e das moedas. "Bendita seja a hipérbole que nos faz suportável a vida com suas pequenas misérias e grandes dores", parecem pensar os homens de Hollywood; sem ela não existiria nem o gigantesco nem o maravilhoso, senão nas suas justas dimensões, que, evidentemente, seriam pouco dignas do homem de hoje, senhor do úniverso, como não lograram sê-lo nossos maiores. Bendita seja Nossa Senhora da Hipérbole, que nos faz grandes e nos livra do exame rigoroso e exato das coisas!

★

CARTÃO-POSTAL DA CIDADE FELIZ

Existem cidades melancólicas e cidades alegres; cidades estridentes e cidades caladas. Hollywood é sòmente uma cidade feliz. Nem eufórica, nem triste, nem buliçosa, nem solene. Possui um gesto satisfeito e um pouco orgulhoso de sua tradição, de sua lenda, de seu estupendo *succès* de grande *vedette*. Porque Hollywood é uma *vedette* triunfante e vaidosa como uma vez o foram Viena e Paris. Tem juventude, uma certa atração pessoal, como a das mulheres que enchem tôda uma época com a magia inconjurável de sorriso. Hollywood é o que nestes tempos se chama uma mulher com "sex-appeal". Porém, Hollywood é a cidade burguesa por ideal, onde triunfam as especulações da bôlsa sôbre as do espirito, apesar das projeções falsamente culturais da cinematografia. E é por esta causa uma cidade que está à margem da angústia, do outro lado da inquietude universal. Não a preocupam guerras nem revoluções, nem se interessa pelos conflitos da Coréia, porque as turbulências do Oriente parece que a fizeram mais afortunada e feliz. Possui a aristocracia de sua riqueza e não pretende outra tradição.

Entretanto, nem tôda a população hollywoodense está diretamente ligada ao interêsse dos estúdios, como à primeira vista nos parece. Enquanto que para o resto do mundo Hollywood é só cinema e sua atmosfera é de sonho, para o habitante de Hollywood está antes a cidade que os estúdios, cujas altas muralhas eclipsam, por largos periodos, a luz dos melhores astros.

Cidade nascida num "set", desenvolvida em tôrno de uma indústria milionária, tem crescido e adquirido vida própria.

Duzentos astros e uns dezoito mil extras constituem apenas uma mínima parte desta população, de talvez oitocentos mil habitantes, que não é possivel supor seja integrada ùnicamente pelos eletricistas e carpinteiros da Metro-Goldwyn-Mayer ou da Paramount. Sua extensão está, consequentemente, de acôrdo com sua população. E entretanto falamos só de Hollywood, quer dizer, de uma vila de Los Angeles, cidade que passa dos quatro milhões. E é que ao redor da grande indústria dos Zukor e dos Zanuck tem-se desenvolvido uma outra não menos importante: a indústria de satisfazer às necessidades da gente que vive no cinema. Porque é lógico suspeitar que o porteiro da Warner Bros. necessita do alfaiate, do médico, do barbeiro, como qualquer mortal. E o tal barbeiro e o tal alfaiate precisam utilizar os serviços do engraxate e do leiteiro, que por sua vez, deveria acudir, cada quinzena, a esperar vez na barbearia do bairro. São as velhas relações do homem, base e fundamento da sociedade humana, das quais não podia excluir-se Hollywood, por mais moderna e cinematográfica que seja. Daí que seu plano se tenha ido dilatando folgadamente, em vez de empinar-se como Nova York. Enquanto a grande cidade do Este tem crescido como um bosque, Hollywood se estendeu como um mar. O arranha-céu supõe grandes negócios, que requerem múltiplos escritórios. Em Hollywood triunfa o rancho, o "chalet", o "bungalow", que é um solar sem antiguidade, porém confortável, e sòmente prospera a pequena indústria, a pequena maquinaria do consumo cotidiano. Existem avenidas, nas quais não se vê nem um edificio de mais de dois andares. E nos bairros comerciais o mais frequente são umas lojas com parades de cristal. A esta síntese arquitetônica se acrescentam magnificas residências e alguns "edificios notáveis", para empregar a linguagem dos guias, agrupados no centro rigorosamente comercial da cidade. Sòmente nos bairros residenciais, onde os artistas são príncipes, é fácil contemplar êsses palácios do estilo que nós chamaríamos de "colonial". A influência espanhola aqui é notória. As casas de apartamentos, pequenos hotéis de luxo, ostentam, na sua maioria, nomes espanhóis, curiosos nomes que querem recordar alguma coisa que já se vai afundando entre a névoa do passado. E assim lemos: "Casa del Rey", "Don Juan", El Moro", "La Casa Linda". Em tudo isso, a Espanha deixou um pedaço de sua raiz para glória e assombro desta tenda de titãs. Tal é o pano de fundo da dilatada Hollywood, a cidade feliz, a cidade construida sôbre a paisagem. Sob o dourado sol californiano, desenham-se sôbre as colunas os roxos telhados dêste povo de maravilhas.

Limpos "boulevards", avenidas amplas, correm entre árvores e jardins. Tudo respira bem-estar e saúde; tudo traduz o paradoxo de uma vida vertiginosa porém com um ritmo igual e contínuo. Porque Hollywood, como resultado da larga experiência ianque na edificação das cidades, é talvez uma das mais bem organizadas do mundo. Os milhares de automóveis que cruzam as ruas de Los Angeles — e se calcula em meio milhão — não fazem mais ruído que o produzido pelo roçar das rodas sôbre o pavimento. Nem uma buzina, nem um assobio, nem um grito: a sincronização do trânsito é uma das mais perfeitas dêste povo. De um lado, o sistema de sinais, e do outro, o novo sentido que adquiriu o automobilista, fazem desnecessários não só o ruído como a intervenção policial. Nas ruas de Hollywood não se vêem policiais: não são necessários. E' assim a cidade feliz do Oeste norte-americano, a cidade onde, finalmente, têm encontrado a fortuna inesgotável os afibrados buscadores de ouro de Blaise Cendrars.

RADIO CURIOSIDADES

Iara Sales, cujo nome verdadeiro é Maria do Rosário Sales, é descendente de índios botocudos, tendo nascido às margens do rio Tieté.

★

Nuno Rolando tomou parte na revolução de 1932, servindo como cabo do 7º Batalhão de Caçadores, sediado na cidade gaúcha de Passo Fundo.

★

A rádio-atriz Tina Vita começou sua carreira radiofônica interpretando canções e trechos de operetas ao microfone da Rádio Clube do Brasil.

★

O produtor Miguel Gustavo fêz seu «debut» radiofônico na Vera Cruz, trabalhando como locutor, redator, discotecário, operador, etc...

★

Quando tinha dezessete anos, Vitor Costa fêz-se «ponto» teatral porque se apaixonou por uma pequena que trabalhava num elenco.

★

Ari Barroso compôs a sua primeira música em Minas Gerais, quando tinha 14 anos de idade. Era um cateretê intitulado «De Longe».

★

Foi Olavo de Barros quem lançou Zezé Fonseca, convidando-a para fazer alguns «sketches» com êle e Olga Navarro, na antiga Rádio Phillips.

★

O maestro Chiquinho começou sua carreira de músico aos doze anos de idade, substituindo seu pai, pistonista de uma banda dirigida por êle.

★

Renato Murce já foi corredor de motocicletas, tendo tirado o primeiro lugar numa corrida de Petrópolis a Juiz de Fora.

★

Alvarenga e Ranchinho formaram a dupla em 1933, aumentando a idade para tapear a polícia, a fim de ingressar numa companhia teatral.

★

César Ladeira já foi jornalista na capital bandeirante, tendo sido responsável pela secção religiosa de um matutino paulistano.



Arí Barroso

O QUE VIMOS *na Tela*

L.E.

COTAÇÕES

1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom; 4 - Muito bom 5 - Ótimo.

AS MINAS DO REI SALOMÃO

(King Solomon's Mines — Metro)

Apesar dos dois nomes de diretores que encabeçam estas «minas» do rei Leão, o filme é um bléfe. Um bléfe no sentido artístico, queremos dizer, não condizendo absolutamente com as promessas tecnicoloridas do trailler habilíssimo. Se o espectador espera, por exemplo, encontrar um filme de aventuras, com lances dramáticos, e uma história de amor de arrepiar os cabelos, sob o sol africano, encontrará apenas uma expedição que sai ao encalço de um homem desaparecido, atravessando um deserto bem iluminado, uma selva cheia de animais, e alguns encontros com cobrinhas e macaquinhos. Compton Bennett («Sétimo Véu»), um diretor evidentemente razoável, parece ter dirigido a fita, restando a Andrew Marton, provàvelmente, as cenas verdadeiras filmadas «in loco». O mais não passa de uma hábil montagem, dando a impressão de que homens e bichos se misturam na selva africana. Contudo, pelo material que a obra oferece, de interêsse estritamente popular, o produtor Zimbalist poderia tirar muito melhor partido, ainda mais quando estava em negociações com a Metro, perita no assunto. O que sobra, de tudo isso, é uma fitinha vulgar, bastante pretenciosa, com os mais abusados lugares comuns do gênero, sem lances emocionais e sem uma gotinha de aventura. E no fim da longa jornada de quase duas horas, o espectador sai com sêde, como se caminhasse longamente para um pôço e quando ali chegasse só encontrasse o pôço — não água. Steward Granger, com os cabelos envelhecidos pelo pó de arroz, não convence, apesar do esfôrço. Deborah Kerr, embora fotografada maravilhosamente em tecnicolor, torna-se por vêzes ridícula. Imaginem que numa das cenas ela corta os seus compridos cabelos lisos e na cena imediata, em plena selva, aparece com «permanente». Richard Carlson é, ainda assim, o melhor do elenco; ao menos é o que se enquadra mais no papel, pela sobriedade do tipo que representa. Os verdadeiros astros da fita são os belos quadros em tecnicolor que, acreditamos, foram filmados no local, e que fazem o «back-ground» da história. Cheia de exageros e de mentiras, a fita, ainda assim, conseguirá agradar o grande público.

Cotação artística: 2 — **Cotação comercial: 4**

O SENTENCIADO

(Convicted — Columbia)

Glenn Ford é condenado a 3 anos de prisão por homicídio involuntário, durante uma briga num cabaré. O promotor que o condenára (Broderick Crawford) é nomeado diretor da penitenciária onde o nosso herói está «hospedado». A filha do diretor (Dorothy Malone) apaixona-se pelo sentenciado. E está formada a história. A cenarização é bem feita, com boa fotografia e bom fundo musical. Henry Levin consegue coordenar tudo de forma a não cair no ridículo, proporcionando um espetáculo razoável e fàcilmente aceitável. As interpretações estão seguras e, salvo alguns chavões do gênero, a fitinha agrada.

Cotação artística: 2,1/2 — **Cotação comercial: 2,1/2**

DENTRO DA VIDA

(Produção Nacional — Intercontinental Filmes)

Esta é a segunda fita de Jonald. Desta vez a cenarização é de sua autoria. Nem assim, consegue acertar, pois os personagens ficam sem vida, inteiramente alheios ao dramalhão que a autora da história tenta nos contar. Dizemos «tenta» propositalmente, porque 80 por cento dos diálogos nos escapam, pela má sincronização e má articulação das palavras, proferidas tôdas no mesmo tom, sem vida, sen entusiasmo. Dizer que a fotografia é boa seria incorrer num êrro; a fotografia apresenta, isto sim, alguns bons ângulos, algumas boas cenas de exterior. Mas daí a considerar aquelas imagens como cinema vai uma estrada muito longa. Sinceramente, achamos que Jonald (Oswaldo M. de Oliveira) foi infeliz. Êle demonstrou, mais uma vez, vontade de acertar. Acrediteoria à prática vai também uma grande distância, que só a experiência pode vencer. Mas êle teoria à prática vai também uma grande distância que só a experiência pode ensinar. Mas êle ainda tem sorte, porque, no nosso pobre cinema, quanta gente circula com o rótulo de diretor sem «teoria» e sem «prática»! Alguns, é bem verdade, têm muita prática. Prática de fazer maus filmes. Pelo jeito, Jonald está querendo adquirir esta prática. Da próxima vez deve ter mais cuidado. Escolher uma história melhor, zelar mais pela fotografia, no sentido cinematográfico, cuidar mais dos diálogos, não admitir que a música pareça extraida de vários trechos de discos, dispor de melhores estúdios e que estejam em condições de lhe proporcionar todos os elementos para fazer um filme. Cinema não é sacrifício, não é aventura, não é boa vontade. E' uma arte que tem seus princípios. Desculpas não salvam ninguém dos fracassos, nem atenuam os erros. No elenco: Paulo Renato, Daisy Lúcide, Beatriz Consuelo, Emílcio Fróes, Laura Botelho — e se alguns dêles têm talento, o que não duvidamos, não resta dúvida que estão mal dirigidos. Não importa os motivos. O filme só se salva pela intenção. E talvez até agrade a um certo público, fã de novelas radiofônicas.

Cotação artística: 1 — **Cotação comercial: 1**

O QUE OUVIMOS no Rádio

A. C.

COTAÇÕES

1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom; 4 - Muito bom; 5 - Ótimo

TRANSMISSÕES ESPORTIVAS

(Emissora Continental)

Dia a dia assume maior importância os serviços prestados à cidade pela emissora-mirim do Rio que, no setor do rádio-jornalismo, se tem conduzido à altura, num amplo e único desejo de fornecer aos ouvintes os acontecimentos da hora, os momentos bons e maus que vivemos nesta dura estrada da vida. E dos bons momentos são as irradiações esportivas, perfeitamente ajustadas, que levam aos nossos ouvidos tudo o que se refere ao esporte. Dentre as modalidades do esporte dedica-se, como é fácil supor, ao esporte-rei, o futebol, onde tem colhido grandes instantâneos de emoções vividas ao seu microfone transmitindo-os ao público pelo seu elo de ligação: o locutor. Elogiável, sob todos os aspectos, o trabalho de Oduvaldo Cozzi, Sérgio Paiva e outros, pela perfieta sincronização de suas atuações. Um locutor no meio do campo, colhendo impressões dos jogadores; outro nas arquibancadas, outro nos vestiários e ainda outro atrás do marcador, fornecem tôda e qualquer informação. Como demonstração de boa equipe, temos os resultados do hipódromo e, às vêzes, pequenas intervenções descritivas de um enviado especial, destacado para algum jôgo importante em outro Estado do Brasil. E tudo isso saindo por uma só onda, sem "foras" nem atrapalhações. Justo seja, portanto, que o público e os anunciantes lhe brindem com o seu apoio.

Cotação artística: 3 — *Cotação comercial*: 4½

★

GILBERTO MILFONT

(Rádio Nacional)

Não sabíamos que Orlando Silva tinha saído da Nacional. Por isso, ao ouvir um programa matinal da E-8 e escutando a voz do autor de "Um falso amor", pensamos ser o excelente cantor de "Lábios que beijei", pois a entoação de Gilberto, a forma de arrastar a voz lamentosamente, era idêntica a de Orlando numa semelhança que enganaria ao mais observador. Trata-se de uma cópia fidelíssima do seresteiro que marcou época e que, agora, vê surgir uma série interminável de discípulos, sem ter pretendido nunca ser professor.

Cotação artística: 3 — *Cotação comercial*: 3½

★

NINGUÉM RASGA

(Rádio Nacional)

Desde que Max Nunes deixou de escrever para o rádio por prescrição médica, devido ao excesso de trabalho, que os programas humorísticos baixaram de qualidade, embora se mantenha em quantidade. "Edifício balança mas não cai", agora escrito por Mário Lago, a quem não conhecemos como humorista, deixa muito a desejar... "Ninguém Rasga... Um jornal que não faz embrulho" é uma audição cujo valor reside na originalidade. E' um jornal falado, onde são humorìsticamente comentados os fatos policiais, políticos, cinematográficos, etc., reportagens e entrevistas. A parte técnica excelente (como em todos os programas da Nacional), porém criticável o texto: nada engraçado, tudo corriqueiro, cujas piadas já o ouvinte conhece. Em geral, um programa interessante, mas na sua essência lamentàvelmente pouco engraçado, pois é o humorismo, afinal, sua razão de ser. "To be or not to be"... eis a questão.

Cotação artística: 2 — *Cotação comercial*: 3

Mexericos

O casal James Stewart teve duas gêmeas, qu foram batizadas com os nomes de Judy e Kelly, completando o «quarteto», uma vez que a espôsa de James já levava um «crédito» de dois garotos quando casara com o «astro».

★

John Agar — ex-marido de Shirley Temple — contraiu núpcias com Loretta Combs, jovem modêlo de 28 anos de idade, em Las Vegas, Nevada.

★

Os rumores de uma provável separação entre os Gary Cooper, que ocuparam durante certo tempo os noticiários dos mexericos de Hollywood, acabam de ser confirmados com a separação oficial do casal. Patrícia Neal afirma que nada teve a ver com o peixe...

★

Oona O'Neill, a quarta espôsa de Charlie Chaplin,, de 26 anos de idade, acaba de presenteá-lo com a terceira filha. Êles possuiam ainda um garôto, ficando portanto, com cinco filhos. O outro é «extra». Isto é, pertence a outra espôsa de Chaplin...

★

Elizabeth Taylor deu a má notícia de que está com uma úlcera no estômago.

★

Richard Basehart e Valentina Cortesa, revelaram o seu casamento «secreto» — que se deu em Londres, no dia 24 de março dêste ano.

★

Os Mark Stevens estão **fazendo hora** até setembro, quando a família será acrescida de mais um membro.

★

Peggy Lee divorciou-se de seu compositor-arranjador, Dave Barbour.

★

Lawrence Tierney, influenciado talvez pelos heróis que costuma representar em seus filmes, travou luta corporal com um homem desconhecido, dentro de um «night-club», porque achou que o «gajo» estava querendo estragar sua festa. Tierney foi absolvido, provada a sua inocência.

★

Robert Hutton e Bridget Carr têm encontro marcado para dezembro com a cegonha.

★

Jennifer Jones, sem grande alarde de publicidade, estêve na frente coreana entretendo as tropas das Nações Unidas.



Mais apaixonada do que nunca, Elizabeth Taylor insiste em que seus encontros com o jovem diretor Stanley Donen não passam de simples amizade. Mas tudo faz crer que resultará em outro casamento para Liz, ainda mais agora que Stanley é um «homem livre»...



Confissões de Maria Felix

CONDENADA A MORTE?

CAPÍTULO VI

O MISTERIOSO ADMIRADOR DE MISS FELIX QUE A OBSEQUIAVA, SEM CONHECÊ-LA, COM FLORES E UM CARÍSSIMO BRAÇALETE ★ O "CASO" EM TANGER COM UM PRÍNCIPE INDÚ QUE LHE OFERTOU UM COLAR DE PÉROLAS COM UMA SENTENÇA TRÁGICA ★ O PRESENTE FOI UMA PROVA DE ÓDIO E NÃO DE AMOR.

de ALBERTO CONRADO
(Exclusivo para a «CENA»)

«Estas pérolas que uso trazem uma lenda que é uma sentença mortal».

★

Uma recordação má cruza o pensamento de Maria Felíx e um véu de tristeza escurece sua expressão.

— "Imagine, meu caro, — diz-me lentamente — quando essa mulher irrompeu no meu quarto no hotel, para dizer-me sêcamente: "Sou a mulher de X". Fiquei aturdida, atrapalhada, sem saber o que fazer e que caminho tomar... Parecia-me impossível que aquêle homem não



Maria Felix é rica em dinheiro, porém, pobríssima de amor.

me tivesse confessado seu estado civil. Porém, ali estava sua mulher. Acusando-me. Seu coração batia com fortes vibrações... Esticou a mão, como se quisesse recusar alguma coisa. De repente riu, um riso sacudido, e disse:

— "Você é uma mulher má.".

"Eu estava pálida, descomposta. E, quando ia dizer alguma coisa, os nervos dela pareceram romper-se. Deitou-se no sofá, soluçando convulsivamente. Murmurou, com voz entrecortada:

— "Perdoe-me... Rogo-lhe que me perdoe... Você não tem culpa..."

"Respirou fundo e conseguiu, com esfôrço, acalmar-se. Depois, com voz diferente, tranquila, quase suave, continuou:

— "Amo meu marido acima de tudo. Éramos muito felizes, até... até que você apareceu. Êle sempre a via nos seus filmes, falava elogiosamente de sua pessoa e ria dos meus ciúmes... Agora, êle...

"Tive que engolir saliva para que a minha garganta ressecada articulasse um som:

— "Êle continuou amando a senhora — fiz uma pausa para umedecer os lábios — os homens, às vêzes, confundem o amor com... o capricho."

"Suas sobrancelhas arquearam-se. Seu coração, alvoroçado, batia descompassadamente dentro do peito. Disse com afã:

— "Você acredita?..."

— "Estou segura disso.

"Falei-lhe durante meia hora, convencendo-a. Ao cabo dêsse tempo, lançou-se sôbre meu peito, abraçando-me fortemente, balbuciando agradecimentos e quase caindo de joelhos. Seu amor estava salvo.

"Quando fiquei sòzinha, tive a sensação de ter saido de um mundo irreal e fantástico. Outra vez tocáva-me perder no amor. Não me importa o que se diga de mim... não sou mulher de tirar o marido a nenhuma outra. Juro-lhe.

"Depois, escrevi minha resposta ao senhor X, presidente de um país, que me oferecia matrimônio e fortuna, de um modo conciso: um *não* sem maiores explicações...

"Fria, dura, sem sentimentos... isso dizem de mim — continuou Maria, com certo desafio na voz e um gesto rápido que enegreceu seus olhos luminosos.

Eu nada disse. Conheço a alma de Maria e sei o que sofre. Ela continuou:

— "Dois dias depois dêsse episódio no meu hotel, parti para Madrid para dar cumprimento aos meus contratos cinematográficos. E já, à minha chegada, encontrei no meu quarto madrilenho um esplêndido ramo de flores. No cartão que o acompanhava lia-se apenas: "Um admirador". Durante três dias recebi êsse obséquio, não muito misterioso para mim, pois estou acostumada a receber presentes dos meus admiradores... Porém, no quarto dia, junto às flores, vinha um caríssimo bracelete... e no cartão umas palavras mais explícitas: "Com todo o amor de X".

Ao entardecer veio ao hotel e nos encontramos no "hall", no instante em que eu ia saindo.

— "Senhor... — ia dizer seu nome, mas êle apressou-se para interromper-me:

— "E' um prazer, senhora Felix... — e em voz baixa: — Estou incógnito em Madrid. Tomemos qualquer coisa e conversemos tranquilamente...

"Respondi-lhe com tôda a calma de que fui capaz:

— "Nada temos que conversar; rogo-lhe que me desculpe. Tenho que ir aos estúdios..."

— "Estou disposto a divorciar-me" — disse-me em voz muito baixa.

"Fiquei olhando-o com mais assombro do que rancor. Quando pude articular palavra respondi:

— "Pense um pouco mais em sua mulher. Ela o ama. E eu... eu estou enamorada e não do senhor precisamente. Adeus!

"Nunca mais voltei a vê-lo. Depois soube que era feliz com sua mulher... Essas coisas... — Maria Bonita acendeu um cigarro e ergueu os olhos para Amamelys, sua secretária, que trazia em suas mãos um belíssimo colar de pérolas.

CONDENADA À MORTE?

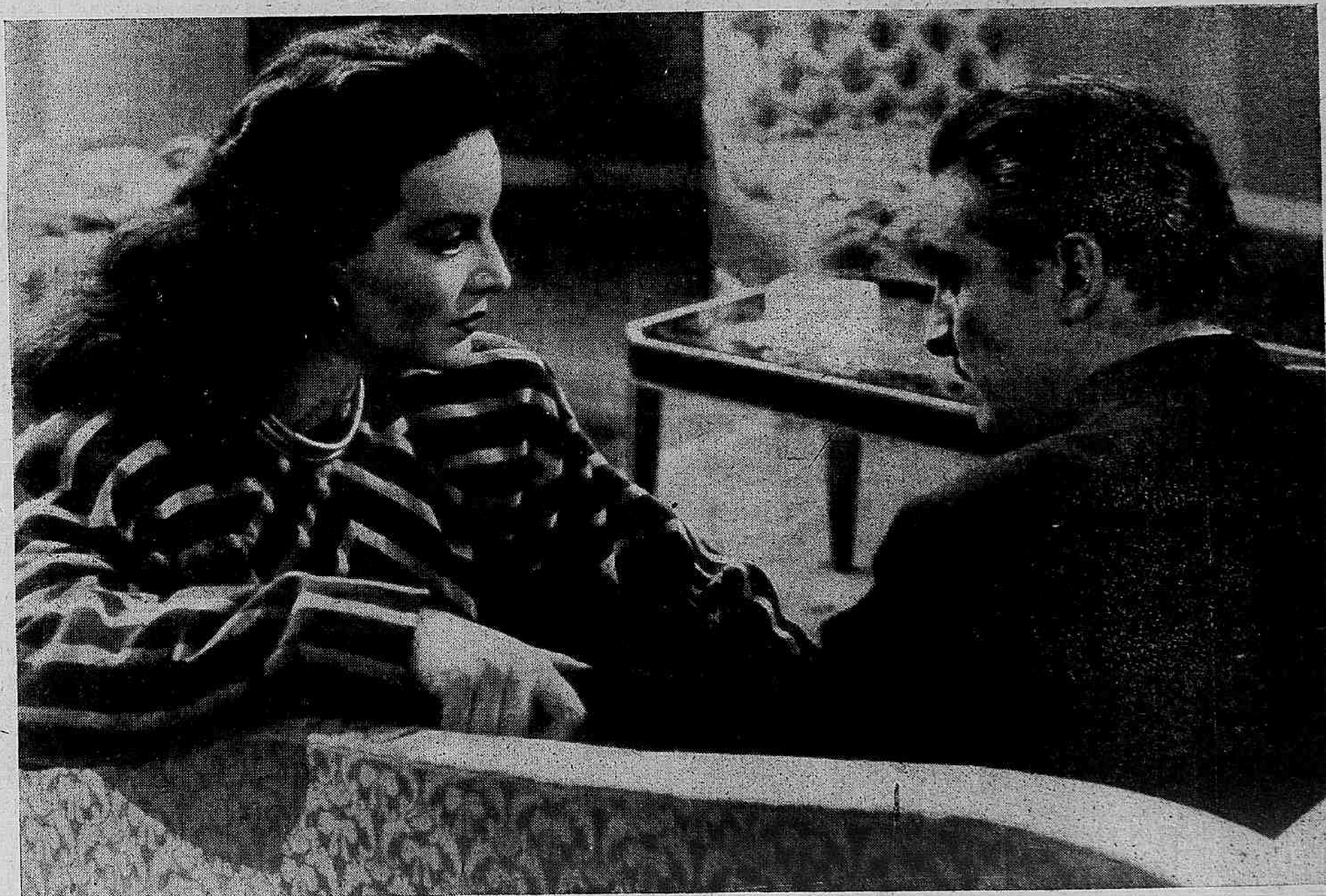
— "Eis aqui outra história de amor — e de ódio — disse-me com voz estremecida. — Esta jóia, com algumas outras que guardo zelosamente, foi-me obsequiada por um príncipe, como prova de... ódio. Foi pouco depois de começar as primeiras maniveladas de "A Coroa Negra", que Jean Cocteau escreveu especialmente para mim. Tive que ir para Tânger com alguns técnicos para realizar os exteriores do filme. Ali, durante um dos descansos, fui apresentada a um príncipe, que disse conhecer-me pelos meus filmes... Nesse mesmo dia, muito poucas horas mais tarde, me declarava seu amor à beira-mar. Naturalmente, recusei. E o fiz de uma forma clara e persuasiva... Nos seus olhos apareceu um brilho desesperado. Contive a respiração e foi um dos maiores esforços da minha vida o que tive de realizar naqueles instantes para suster aquêle olhar... Girou sôbre seus pés e nunca mais voltei a vê-lo. Duas semanas mais tarde, enquanto preparávamos as equipagens para regressar aos "sets" madrilenhos, recebi uma pequena encomenda. Dentro estavam as jóias mais resplandecentes que jamais tinha eu visto... envôltas num velho pergaminho. Não pude deixar de sorrir ao lê-lo. Tratava-se da lenda dessas jóias, uma lenda que era uma sentença trágica. Dizia que quem usasse essas pedras preciosas morreria trágicamente.



Nos intervalos da «Coroa Negra» nasceu o «caso» com o príncipe.

No próximo número:

LARA AGONIZANTE, CLAMA POR MARIA FELIX



Maria e Arturo de Cordova no filme «Deusa Ajoelhada. Na verdade sempre andou vergada à vontade de sua consciência.

O CAPITÃO ATLAS

Texto de FRED CLARK
Fotos de KURT PAUL



O FAMOSO HERÓI DE AVENTURAS — Aqui vemos Carlos Cotrim como o valente Capitão Atlas, o herói do rádio e das histórias em quadrinhos, cujos feitos são àvidamente acompanhados pela juventude brasileira.



UM MOMENTO DE APERTO — O papel de Mário no filme «O Rei do Samba» deu à Carlos uma oportunidade de demonstrar suas qualidades de ator dramático.

DIFICILMENTE seria aquêle o momento ou o lugar para planejar uma nova carreira. As granadas inimigas caiam perigosamente perto. Fazia um frio de cortar. Era a guerra em seu pior aspeto. Entretanto, foi nessas circunstâncias, quando mais intensa era a campanha da Itália, durante a última guerra, que Carlos Cotrim decidiu tornar-se um ator de cinema.

Cotrim, capitão de infantaria, tinha desembarcado em Nápoles com a Fôrça Expedicionária Brasileira, em setembro de 1944, e lutava para abrir caminho para o Norte da Península. Uma ocasião, brasileiros e americanos acharam-se detidos por intenso bombardeio da artilharia alemã. Como geralmente sucede com os homens em face do perigo, Cotrim e seus camaradas procuravam descansar, tirar umas fumaças e conversar a respeito de tudo, menos de guerra.

«Escute», disse a Cotrim um americano, com a barba por fazer: «algum dia você reparou em como se parece com Clark Gable?»

«Não, nunca prestei a mínima atenção a isso», replicou o brasileiro, «e posso assegurar-lhe que nada está mais fora de minhas cogitações neste momento».

«Pois, sem dúvida, você se parece com êle», ajuntou um outro americano. «Se sairmos vivos desta encrenca, você devia tentar trabalhar no cinema. Tenho certeza de que conseguirá êxito».

Apesar de ter, como nos confessou Carlos, coisas muito mais importantes em que pensar naquela ocasião — como, por exemplo, regressar são e salvo ao seu lar — nunca esqueceu as observações dos americanos. À medida que o tempo passava, lenta e penosamente, durante a difícil campanha da Itália, êle foi gostando da idéia, cada vez mais. Dentro de pouco tempo já a aceitava como um objetivo concreto. Por que não? De fato, desde os 20 anos tinha nutrido a secreta ambição de se tornar um ator de cinema.

Quando veio a paz em 1945, Carlos Cotrim retornou à seu querido Brasil. O que sucedeu depois disso confirmou sua fé nos companheiros e em si mesmo, pois, hoje, é um astro em nossa nascente indústria cinematográfica. E' também idolatrado por muitos milhares de crianças brasileiras que o conhecem como o famoso Capitão Atlas do rádio.

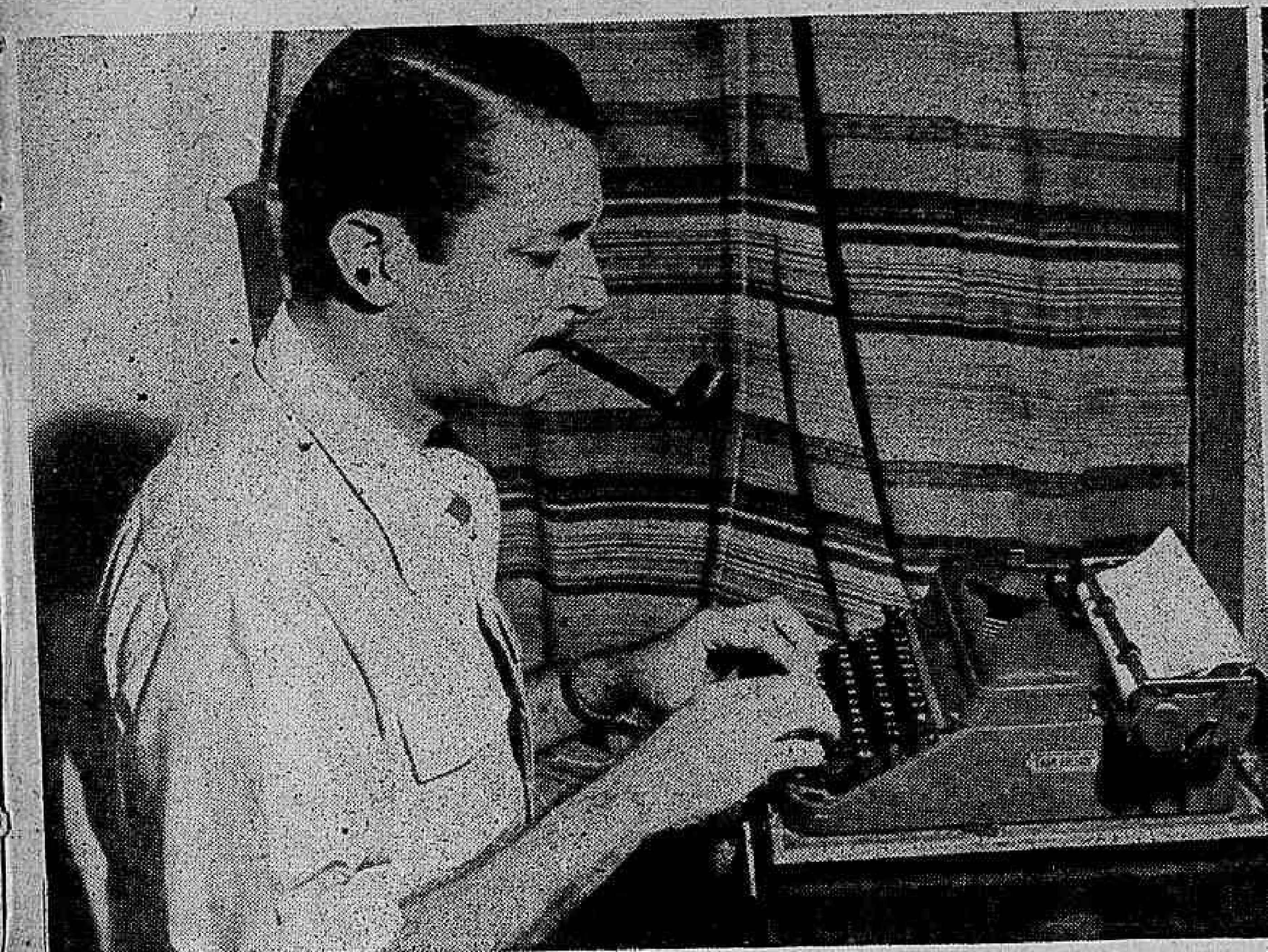
«Não tive muita sorte no começo quando me alistei como pretendente a trabalhar no cinema», disse-nos Carlos outro dia, quando o fomos visitar em sua casa. «Nada tendo sucedido imediatamente, fiz uma pequena viagem de recreio aos Estados Unidos, para visitar alguns antigos irmãos d'armas e outros amigos em New York,



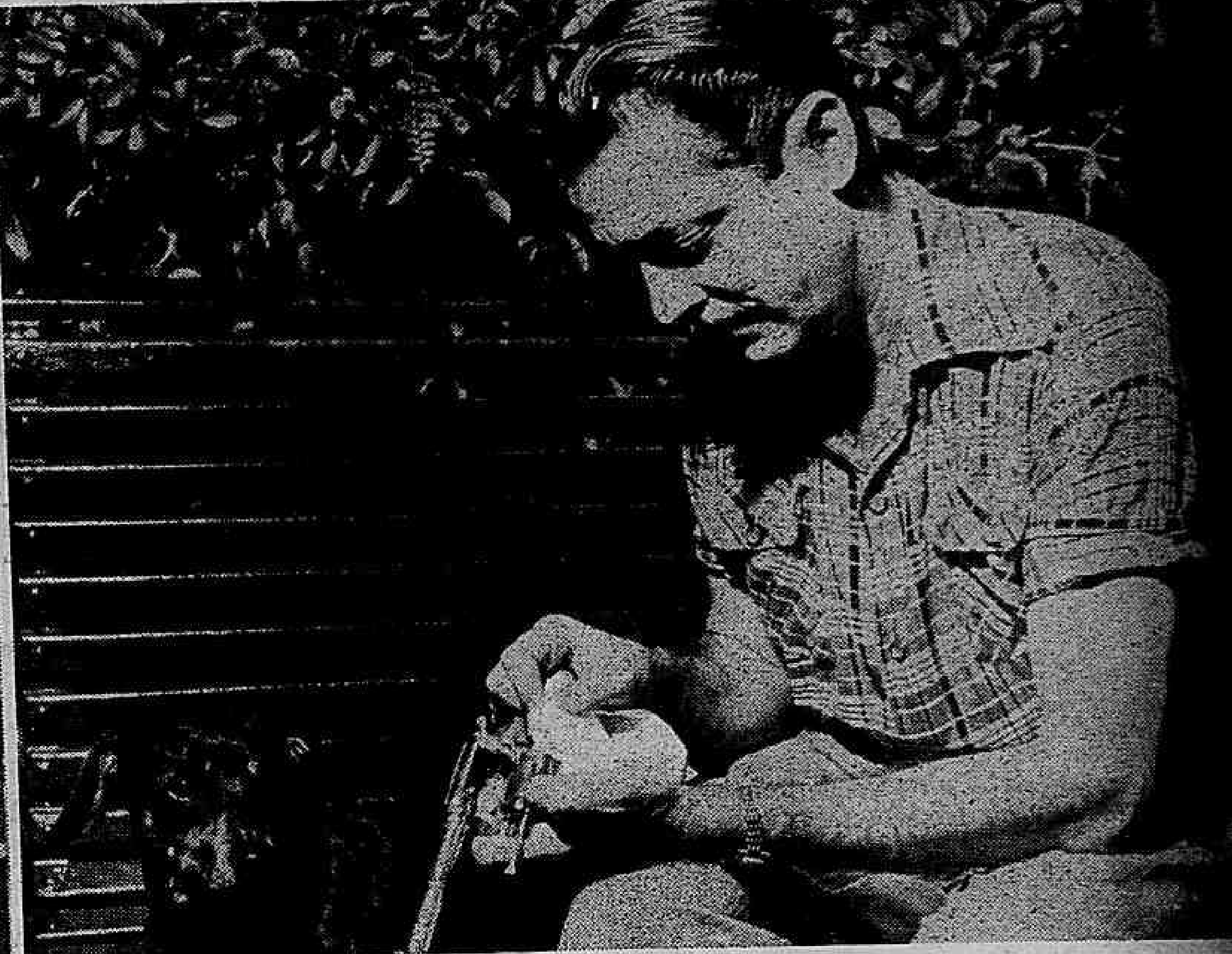
NOVAS AVENTURAS — Descansando na paz e na quietude de sua casa, com uma garrafa de Coca-Cola, Carlos Cotrim estuda o «script» do «Capitão Atlas», antes de ir para o estúdio trabalhar na sua transmissão.



TOUCHE — Conquistador de muitas glórias em competições de esgrima do passado, Carlos continua praticando em ocasionais sessões de espada. O conhecimento dêsse velho esporte pode vir a ser de muita utilidade algum dia, num papel no cinema.



INTELECTO EM AÇAO — Carlos é um homem de vários cometimentos e atividades. Tem escrito muitos contos, crônicas e «scripts» para rádio e cinema.



ASSISTENTE INTERESSADO — Thug, fiel cachorrinho «Bassé» de Carlos, parece muito interessado enquanto seu dono limpa o revolver. Durante seus anos de permanência no Exército, Cotrim conseguiu invejáveis resultados em competições de tiro ao alvo.

Texas e Florida. A viagem proporcionou-me um repouso de que eu muito necessitava. Também escrevi alguma coisa — vocês sabem, contos e crônicas para jornais.

«Quando voltei para o Brasil, alguns meses mais tarde, recebi um chamado dos Estúdios da Atlântida. Não obstante ter tido apenas um papel de «extra», não perdi a coragem. Percebi que teria de fazer muita fôrça antes de caminhar para a frente.

Êle tinha razão, como bem prova sua carreira. Não demorou muito para que saisse da classe de «extra» e passasse a fazer «pontas». E então, finalmente atingiu o estrelato em dois filmes recentemente terminados: «Hóspede de Uma Noite» e «O Rei do Samba».

Carlos conseguiu seu primeiro contrato no rádia em 1949, embora pareça estranho, numa estação — Rádio Tamoio — que lhe comunicou logo, de início, não haver vagas. Sob sua insistência, concederam-lhe fazer um «test» como rádio ator. Gostaram tanto dêle que o contrataram imediatamente por um ano. Três meses mais tarde, iniciou seu papel como Capitão Atlas.

«Gosto realmente de ser o Capitão Atlas», disse-nos Carlos, descansando sôbre a mesa uma garrafa recém-aberta de Coca-Cola, para nos mostrar algumas cartas de seus «fãs». «Estou recebendo cêrca de 200 cartas por dia. No Carnaval, recebi muitas fotografias de meninos fantasiados de Capitão Atlas. O Clube Royal do Capitão Atlas conta com vários milhares de sócios.

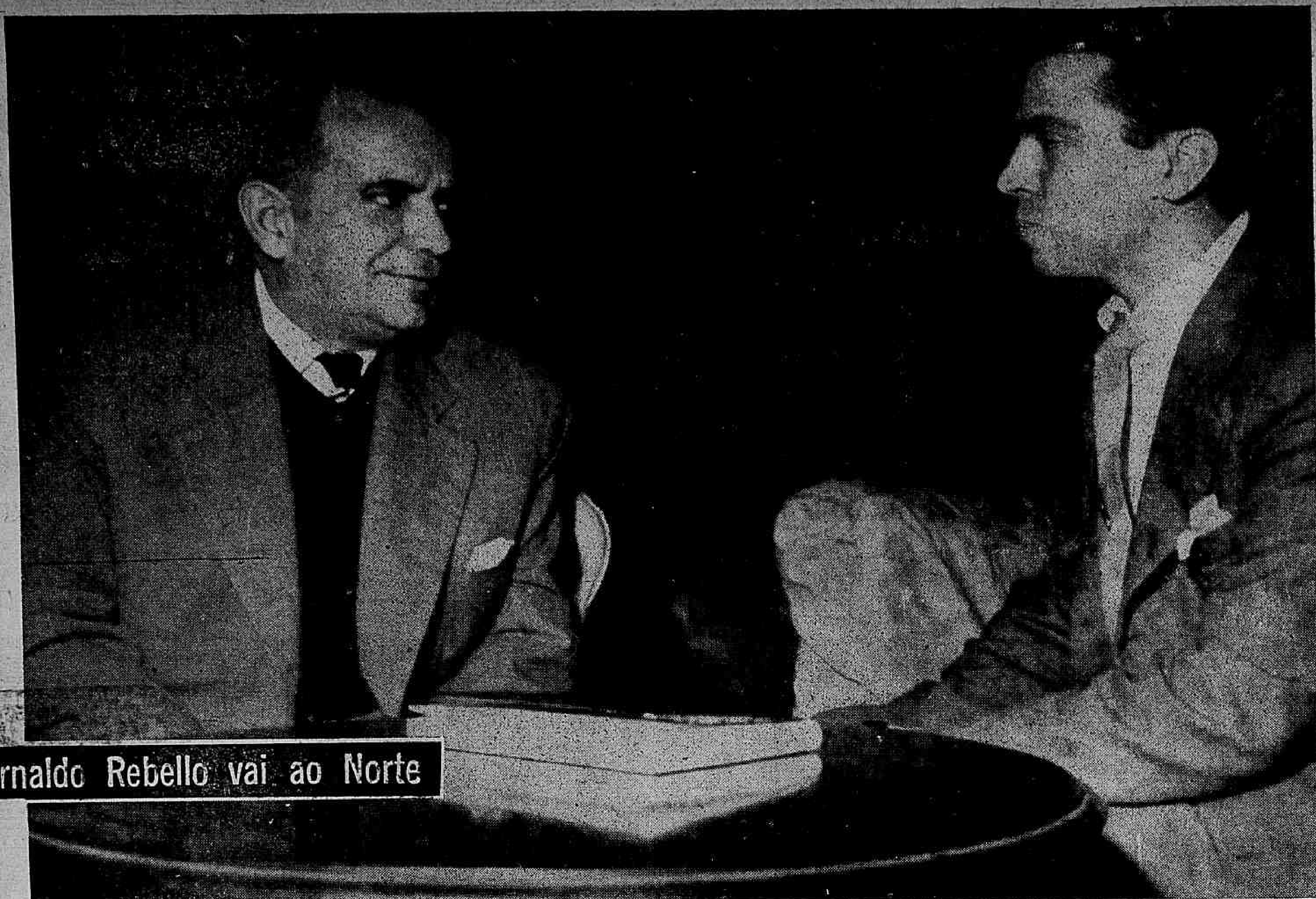
«Essa sincera demonstração de entusiasmo e lealdade às forças do bem que o Capitão Atlas representa, fazem-me sentir orgulhoso de fazer parte dêsse programa. E fazem-me sentir também orgulho da juventude brasileira, que é a nossa esperança do futuro. Péricles do Amaral é digno de todos os encômios pela criação dêsse tipo heróico».

Alto, simpático, Carlos Cotrim está muito bem para o papel de Capitão Atlas. Sempre apreciou e praticou os mais variados esportes, tais como esgrima, box, tiro, natação, remo e basketball. Em 1941, foi treinador físico do S.C. Corintians Paulista, cujo quadro de profissionais de football levantou o campeonato de São Paulo. E' também um poliglota, falando fluentemente inglês, francês, italiano, espanhol e português.

«Algum novo filme em vista», perguntamos a Carlos, enquanto nos erguiamos para ir embora.

«No momento, nada», foi a resposta. «Mas espero que meu próximo papel seja qualquer coisa como um «camarada durão» — como Humphrey Bogart, por exemplo».

Com isso, saimos, com a esperança também de que êle consiga dentro em breve o que deseja.



Arnaldo Rebello vai ao Norte

«SOU GRANDE apreciador de Ernesto Nazareth, pois, embora sendo um compositor popular, considero-o digno de figurar no repertório de qualquer pianista, pelo valor de sua obra e pelo sabor tìpicamente brasileiro de suas composições» — nos disse o pianista.

ITINERARIO DA MÚSICA

NUMA AGRADÁVEL PALESTRA ANTES DE SUA EXCURSÃO, O PIANISTA NOS FALA DE SUA VIDA ARTÍSTICA ★ PONTOS MARCANTES DE SUA CARREIRA ★ JÁ DEU CONCERTOS EM QUASI TODO O PAÍS ★ INCANSÁVEL PROPAGADOR DA BOA MÚSICA BRASILEIRA

De OSWALDO DA CUNHA



«ESCOLA ARNALDO REBELLO», sincera e expressiva homenagem do povo de Manaus, cidade onde nasceu e que visitará brevemente.

ARNALDO Rebêllo está novamente de partida. Sim, dizemos novamente, porque não faz muito tempo êle seguia para o sul, numa prolongada excursão. Desta vez, porém, Arnaldo seguirá breve para o norte, apresentando-se em vários Estados, inclusive no Amazonas, onde tocará em Manaus, sua cidade natal, contribuindo assim, com sua arte e talento, para levar um pouco de música sã e instrutiva aos recantos longínquos de sua querida terra. Aproveitando a oportunidade que nos proporcionaram algumas horas de palestra com o artista patrício, pedimos que nos contasse algo de sua vida, de sua carreira, de suas ambições. E foi assim que, atendendo ao nosso pedido, modesta e despretensiosamente, Arnaldo Rebêllo nos falou:

— "Sempre gostei de piano, e, após o término de meus estudos ginasiais em Manaus, resolvi transferir-me para o Rio, onde encontraria maiores possibilidades de ampliar os meus estudos pianísticos. Já tocava alguma coisa e, assim que aqui cheguei, procurei logo matricular-me no Instituto Nacional de Música. Ali, fui admitido no sétimo ano, na classe do Prof. Leão Veloso, que conseguiu para mim uma matrícula gratuita naquele estabelecimento, e prontificou-se a aceitar-me também como seu aluno particular, nas mesmas condições."

Interrompendo-o, perguntamos:

— Qual o motivo de ter o Prof. Leão Veloso se interessado tanto pela sua carreira?

— "Bem, acho essa pergunta um tanto embaraçosa e poderíamos deixá-la de lado, não acha?"

— Não, gostaríamos de saber — insistimos.

E, mais uma vez, Arnaldo, com a simpatia que lhe é peculiar, respondeu-nos:

— "É que, impressionado com as minhas possibilidades, e, vendo em minha carreira um futuro promissor, segundo suas próprias palavras, o mestre prontificou-se a fazer tudo que fôsse possível para auxiliar-me."

E, realmente, o Professor tinha razão, dizemos nós. Pois, levando avante os seus estudos, com afinco e dedicação, Arnaldo Rebêllo terminou brilhantemente o curso, levantando o primeiro prêmio (medalha de ouro) do Instituto Nacional de Música, alguns anos mais tarde.

— Quais as peças que executou no concurso?

— "Como peça de confronto, lembro-me bem, tivemos o "3º Scherzo", de Chopin, e como peça de escolha executei Lesghinka, de Liapounow."

Arnaldo mostra-nos, então, uma fotografia feita nesta ocasião.

— "Após a satisfação de ter sido contemplado com esta medalha, tive outra que me foi igualmente grata. Foi o amparo que me dispensou o Govêrno Federal, enviando-me à Europa, como seu pensionista, a fim de aperfeiçoar os meus estudos."

E assim, cheio de esperanças e sempre confiante no futuro, dedicando-se inteiramente à sua arte, êle partiu para Paris, onde viria tornar-se aluno de Roberto Casadessus, pianista de renome inter-

nacional, um dos expoentes máximos do piano. Ali, mais uma vez, Arnaldo foi alvo de calorosos elogios por parte daquele que, durante muito tempo, foi seu novo mestre. Elogios êstes cuja veracidade constatamos, através de uma carta a êle dirigida pelo notável intérprete que guarda com o mais cuidadoso carinho.

Após uma prolongada estada em Paris, Arnaldo Rebêllo voltou à sua pátria, dedicando-se inteiramente obras dêste compositor."

Aqui chegando, inúmeros foram os convites que recebeu para emprestar a sua preciosa colaboração a cargos de destacada importância. Citou-nos, por exemplo, o de Presidente e Secretário da Associação Brasileira de Música, Presidente e Secretário Artístico da Associação dos Artistas Brasileiros, Diretor Artístico da antiga Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, hoje PRA-2, Rádio Ministério da Educação, e inúmeros outros. Foi nesse período de intensas atividades artísticas que Arnaldo, numa homenagem a Carlos Gomes, por ocasião do seu centenário, promoveu a realização do "Concurso Carlos Gomes", na Associação Brasileira de Música. Êste concurso marcou o início da carreira artística da festejada cantora Alice Ribeiro. Mas Arnaldo não parou aí. Batalhador incansável, sempre pronto a incentivar na arte aquêles que dêle se acercavam, promoveu um outro concurso entre jovens pianistas patrícios, dando como peças obrigatórias duas obras de compositores brasileiros, que foram as "Suites" de Radamés Gnattalli e Brasílio Itiberê. Classificou-se, então, em primeiro lugar, Honorina Silva, e, em segundo, colocaram-se Ana Cândida e Mário Neves.

Dado o interêsse que sempre demonstrou pela nossa música, perguntamos:

— Dos compositores brasileiros, qual o que mais lhe agrada interpretar?

— "Sou um sincero admirador de todos êles, mas não escondo a minha preferência por Ernesto Nazareth, e, embora pareça absurdo a alguns, tenho incluído sempre, e com real agrado, em quase todos os meus concertos, desde o Amazonas ao Rio Grande do Sul, obras dêste compositor.

— Além das suas apresentações como concertista, quais foram as atuações que já teve com orquestra?

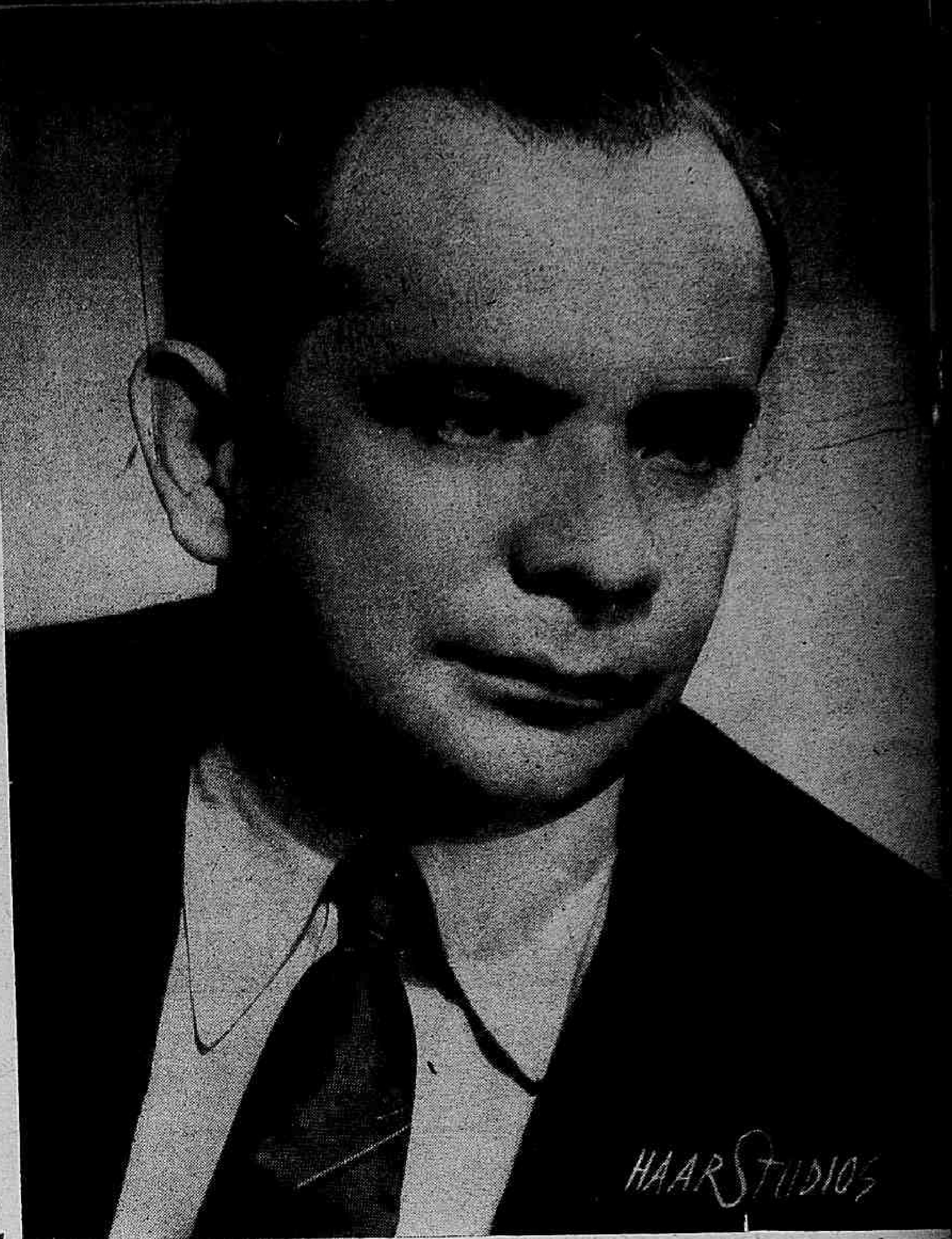
— "Não me lembro, exatamente, de tôdas, mas poderia citar algumas em que atuei como solista. sob a direção de Burle Max, José Siqueira, Lorenzo Fernandez, Romualdo Suriani (Curitiba), Ênio Freitas e Castro (Pôrto Alegre) e Ernesto Melich."

— E, pelo muito que tem feito pela música brasileira, sente-se satisfatòriamente recompensado?

— "Sim, embora não seja muito, como diz, o que tenho feito nesse sentido, é nos aplausos recebidos daqueles que com seu incentivo ajudam um artista a levar avante os seus propósitos, que encontro a minha maior recompensa. Mas, como se isso não bastasse, inúmeras têm sido as provas de gratidão que tenho recebido de nossos compositores."

— Pode citar alguns dêsses compositores?

— "Francisco Braga, por exemplo, de quem recebi, pouco antes de sua morte, o original de "Divertimento", peça inédita, que pretendo lançar em minha próxima apresentação no Rio, quando voltar desta excursão. Lorenzo Fernandez, cuja "Valsa Suburbana" apresentei quando do meu regresso de Paris; Francisco Migunone, que dedicou-me a sua "4ª Valsa de Esquina"; José Siqueira, que também me ofereceu "Murucututu" e "3ª Valsa"; e, finalmente, Waldemar Henriques, que compôs para mim a "Valsinha de Marajó". Aprecio muito, também, as execuções em conjunto — continua Arnaldo Rebêlo. — Já atuei longamente em dupla com Mário de Azevedo, e também em audições da antiga "Hora do Brasil", ao lado de Mário Neves. Executei ainda, em primeira audição, no Rio, o Concêrto para dois pianos, de Mozart, com o pianista Roberto Tavares, sob a regência de Lorenzo Fernandes, no Teatro Municipal, além de vários outros."



ARNALDO REBELLO, em recente fotografia, tirada em Pôrto Alegre, quando de sua «tournée» por vários Estados do sul.

— Qual a sua opinião sôbre o nosso ambiente musical? — arriscamos mais uma pergunta.

— "Francamente, acho-o muito reduzido e apenas limitado às capitais, o que é um êrro, pois, com raras exceções, poucas são as cidades do interior, e principalmente as mais distantes, que têm a oca-

(Cont. na pág. 29)



EM 1928, conquistava por unanimidade de votos, o 1º prêmio (medalha de ouro) do Instituto Nacional de Música, seguindo logo depois para a Europa, a fim de aperfeiçoar-se com Robert Cassadessus.



NO TEATRO Santa Isabel, do Recife, por ocasião de uma de suas inúmeras excursões ao norte, realizou um recital em benefício da Cruz Vermelha Brasileira, sendo vivamente aplaudido e cumprimentado.

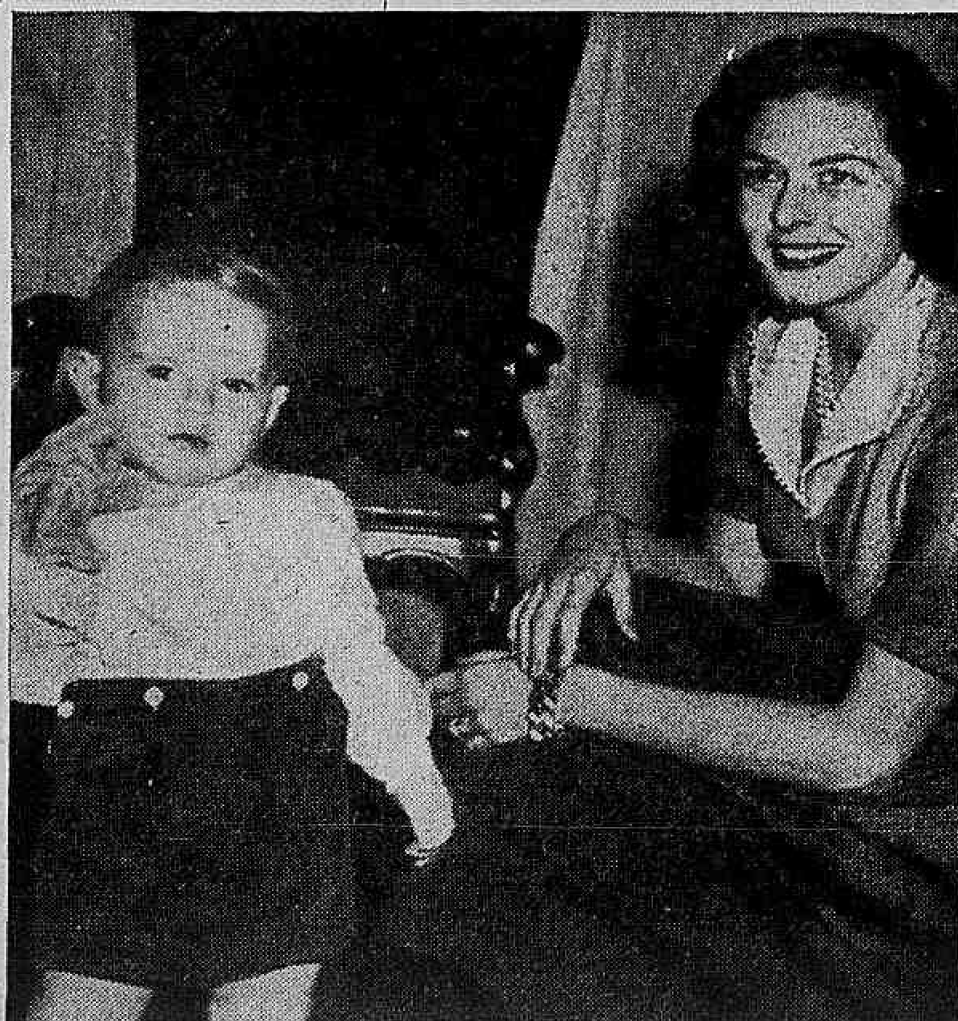


TYRONE POWER, o astro de «Correio do Inferno», que vimos recentementeí transportou-se para Londres, onde deverá filmar com Ann Blyth, que vemos a seu lado, «The House on the Square», para a Fox.



MARILYN MONROE é a deliciosa loura que aqui vemos, abrindo com um valente «hit» a temporada de «Softball» em Hollywood. Marilyn vem de terminar recentemente «As Young As You Feel», com Monty Wooley e Jean Peters.

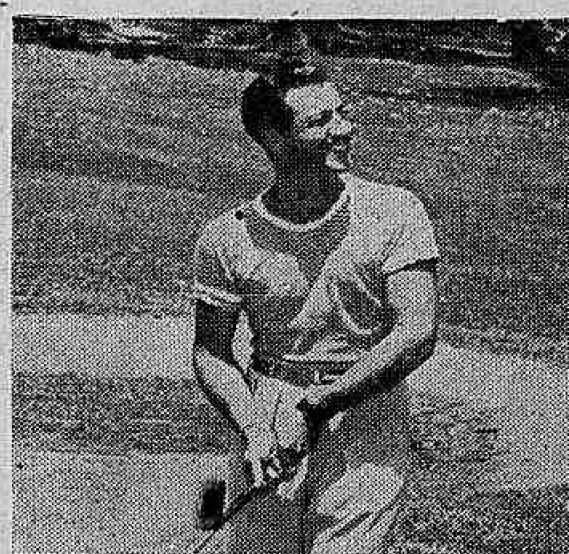
Flashes Mundiais



INGRID BERGMAN, uma das mais discutidas estrêlas da atualidade, apesar de todo o ocorrido, resolveu esquecer tudo e voltar a ser feliz. E a julgar pela sua expressão nesta recente foto, com Roberto, seu filho de um ano, parece que o conseguiu plenamente.

ESTADOS UNIDOS

O general Alexander A. Vangrift, que foi o comandante dos Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, durante a Segunda Guerra Mundial, recebeu autorização das autoridades militares norte-americanas para aparecer no filme da RKO «Flying Leathernecks», no papel de comandante dos fuzileiros, em Guadalcanal, no Pacífico, «interpretando a si mesmo». Nessa produção de Edmund Grainger, o general Vandegrift tem sob as suas ordens o astro Robert Ryan, o qual, por sua vez, foi também fuzileiro naval, na guerra passada. Grainger, o produtor, em breve partirá para Lynchburg, Va., onde se entrevistará com o general Vandegrift em sua residência, a respeito da sua participação no filme. «Flying Leathernecks» será filmado em tecnicolor. ★ CARREIRA TRIUNFAL — Cinco anos depois de ter sido descoberta pelo produtor Howard Hawks, Margaret Sheridan estréia como atriz principal de um filme. Trata-se de «The Thing», película que está presentemente sendo filmada. A jovem artista fêz cursos de arte dramática, para iniciar sua carreira na tela. ★ «ANDROCLES AND THE LION» — George Sanders, um dos atores que competem êste ano por um dos prêmios da Academia, foi contratado por Gabriel Pascal para fazer o papel do sardônico César, da obra «Androcles and the Lion», de Bernard Shaw, cuja versão cinematográfica está em andamento. ★ SOMERSET MAUGHAM NA TELA — Somerset Maugham é um autor cujas obras já foram por diversas vêzes filmadas: «A Carta» (no silencioso com Jeanne Eagles e no falado com Bette Davis, «O Fio de Navalha», «Quarteto», etc., constituindo tôdas elas, autênticos sucessos artísticos. Desta vez, a Paramount apresentará mais uma de suas obras, «Trio», que conta três histórias independentes, tal como havia si-



ROBERT TAYLOR, depois de terminar «Quo Vadis», com Deborah Kerr, iniciou a filmagem de «Westward the Women», ao lado de Denise Darcel, nova francezinha de Hollywood.



VOU CONTAR UM SEGRÊDO:

«Sou o cantor de rádio mais conhecido em tôdas as casas de disco do Rio. Quando um disco meu sai, corro o Rio de ponta a ponta mostrando o disco. Já pus de «Papo P'ro Á» em mais de cem lojas. Duvidam? Então procurem...»

A GRANDE OPORTUNIDADE

No Carnaval dêste ano Ivan apresentou duas músicas que alcançaram relativo sucesso: "É, ê, Rapaziada" e "Levanta o Véu", ambas gravadas na Todamérica. Mas acontece que ali não conseguiu a oportunidade que almejava e um dia se abalou para os escritórios da Sinter.

Ali chegando, pediu para falar com o diretor artístico:

— Fui gentilmente atendido — conta-nos o jovem cantor — e expliquei o motivo daquela visita. Estava ali oferecendo os meus serviços como cantor. Depois de ouvir o que eu tinha a dizer, o diretor artístico perguntou: — "Você já gravou alguma vez?" — Respondi afirmativamente, mostrando-lhe um meu disco anterior. Êle o pôs na vitrola, ouviu-o e quando deixei o recinto já havia assinado um contrato com aquela fábrica gravadora e já tinha duas músicas escolhidas para pôr na cêra.

Um vocal do baião "De Papo Pro Á", de autoria de Joubert de Carvalho, "double" de médico e compositor, já gravado anteriormente por José "Novo Som" Menezes, o jovem violonista patrício que tanto sucesso vem causando, e o samba-canção "Meu Mundo é Você".

— Aproveito agora para dizer que penso cantar em inglês. "Ol' Man River" será a primeira gravação, cantando parte em inglês e parte em português — Ivan sorri, suspira profundamente, olha para o maestro e para o pai e conclui: — Êste é o grande sonho de minha vida artística e quando eu o cristalizar, terei vencido uma importante etapa de minha carreira.



MAESTRO LÍRIO PANICALI

«No escritório de meu pai, Antônio Rocha e o fotógrafo encontraram-me em companhia do maestro Lírio Panicali e de meu velho. Discutiamos o arranjo que o maestro vai fazer para o meu próximo disco».

GUIA DAS MÃES, DO DR. WITTROCK

Livro indispensável na criação dos bebês. O grande Coelho Neto escreveu: "Êste livro à cabeceira das mães será um escudo de proteção para os filhos".
Acaba de saír a 11.ª edição — Prêço: Cr$ 60,00

Pedidos para o interior à
LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RUA DO OUVIDOR, 166 — RIO DE JANEIRO

O MAIOR GOLPE CONTRA UM CASSINO — 50% DAS OPERAÇÕES SÃO DISPENSÁVEIS — COMO ARMAZENAR A FÔRÇA DO SOL — UM FARAÓ MODERNO — O MISTÉRIO DE HITLER — BELEZAS ARTÍSTICAS DE PORTUGAL — O PERCEVEJO CONTRA O CÂNCER

DOIS BELOS ROMANCES — CONTOS — FILATELIA — CARTOMANCIA — GRAMÁTICA — CARICATURAS — LEIA NO

EU SEI TUDO

À venda em tôdas as bancas de jornais do Brasil — Redação: Maranguape, 15 — Rio.



QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa de programa e bases do Curso.

FERRO ARSYLOSE

Mãe zelosa! Seu filho é magro, pálido, sofre de fastio? Dê-lhe FERRO ARSYLOSE, o remédio indicado pelo Dr. Wittrock. Contra fastio e anemia, só

FERRO ARSYLOSE

Pedidos do interior a ARAÚJO FREITAS & CIA.
Rua Conselheiro Saraiva, 41-41-A — Rio de Janeiro

Carnet DO RÁDIO



DAYSI LUCIDI



DAYSI Lucidi nasceu em 10 de agôsto de 1929. Tendo estudado até o primeiro ano clássico, possui o Curso de Teoria e Solfejo do Instituto de Música. Estudou violão, dança clássica, sapateado e ainda estuda piano. Já representou nos palcos cariocas e mineiros, paulistas e fluminenses. Assistindo Olavo de Barros a um espetáculo, levou-a para «O Grande Teatro Tupi». Antes, porém, Lucidi atuara na ex-Transmissora no programa «De graça para todos», no ano de 1936. Na Tupi integrou o elenco do «Teatro do Guri». Em 1944, fêz parte do elenco com o qual Procópio Ferreira se apresentou ao público em S. Paulo. De volta ingressou na Rádio Tamoio, transferindo-se, depois, para a Rádio Globo no ano de 1945 onde é a «estrêla» do grupo rádio-teatral. Em 8 de dezembro de 1947, casou-se com o locutor esportivo Luís Mendes, também da Rádio Globo. Já possuem um lindo pimpolho.

VOCALISTAS TROPICAIS



OS Vocalistas Tropicais é formado por: Danúbio Barbosa Lima, natural de Fortaleza, onde nasceu a 11 de agôsto de 1921, sendo o diretor comercial do grupo. E' o que toca o tam-tam. Nas horas de folga, Danúbio dedica-se à profissão de desenhista-técnico. Evandro Souza, violão-tenor, também de Fortaleza, onde nasceu no dia 17 de maio de 1926. Nilo Mota, dentista nas horas vagas, pandeirista, é cearense, tendo nascido em Fortaleza, a 25 de fevereiro de 1922. Artur de Oliveira, estudante de farmácia e violinista, como os demais, nasceu em Fortaleza onde viu a luz pela primeira vez em 12 de outubro de 1923. E, finalmente, Arlindo Borges, crooner-arranjador, o único não cearense do conjunto, tendo nascido em Recife, no dia 11 de maio de 1921. Êste grupo iniciou suas atividades radiofônicas em 1942 na PRE-9, Ceará Rádio Clube, onde permaneceu até 1945, ano em que excursionou pelo país. Depois foi a Bahia e no dia 4 de janeiro de 1946, estreiou na Tupi. Atuou no Cassino Atlântico, gravando seu primeiro disco e tomou parte num filme da Cinédia. Atualmente o grupo está na Rádio Clube do Brasil. A melodia «Jacarepaguá» já vendeu 25.000 discos, tendo também obtido grande sucesso com a marcha «Daqui não saio».





IVETE SAVELI



IVETE Saveli é o nome verdadeiro da rádio-atriz Ísis de Oliveira. Nasceu no dia 18 de março de 1922, em Niterói. Depois de concluido o curso primário foi até o terceiro ano da «Escola Profissional Aureliano Leal». Aos 14 anos resolveu estudar costura em que se diplomou e que foi seu ganha-pão até entrar no rádio. Em 1935 trabalhava num teatro de Amadores da capital fluminense. Desde criança Ísis ambicionava ser atriz. Porém, só no dia 6 de dezembro de 1937, é que começou a concretizar seu sonho, ao inscrever-se no programa de calouros da Nacional, «Rádio K em busca de talento». Alcançou o primeiro lugar num «sketch». Oduvaldo Cozzi, então diretor artístico da E-8, prometeu-lhe um contrato... mas só foi promessa. Ficou então ganhando a «cachet», ou seja, só quando atuasse. Passaram-se dois anos e Ísis não conseguia receber a «gaita», pois chegava sempre atrasada. Passou fome por causa disso. Muitas vêzes sua alimentação foi uma média com pão e manteiga. Sua grande oportunidade foi na novela «Em busca da felicidade», vivendo o papel de Alice. Mas só foi contratada no dia 1º de maio de 1943. Desde então tornou-se uma das nossas melhores rádio-atrizes. Pesa 44 quilos e mede 1,58, tem olhos castanhos e cabelos prêtos. Recebe lições de canto e já entoa algumas árias.



CINE ROMANCE

UMA MULHER POR DIA

O conde Guy de Kérantrec (Jacques Pills), jovem e despreocupado, em plena euforia de seus vinte e cinco anos, professava a opinião de que o único lugar digno de se viver era a Côte d'Azur.

Em virtude dêsse ponto de vista muito pessoal e também graças a alguns subsídios parcimoniosamente postos à sua disposição pela marquesa Hermine de Kérantrec (Denise Grey), sua tia, era o jovem Guy encontrado com muito maior frequência no Palm-Beach, de Cannes, do que na herdade de seus antepassados, situada na frígida Bretanha. Guy, órfão de pai e mãe, vivia, pois, a mais alegre das existências.

Quando não o retinham as mesas de baccarat ou alguma urgente necessidade de obter o que lhe permitisse continuar a ostentar-se, com dignidade, em meio ao luxo e às lindas garotas que passavam as férias na Côte d'Azur, lá estava êle, ou no bar ou na praia, sempre rodeado de sorrisos, de esvoaçantes vestidos ou de «maillots» quase metafísicos, de criaturas divinas, em suma, tôdas pressurosas na conquista de suas amabilidades.

Guy era um bonito rapaz. Tinha, além disso, a mão aberta, e esta última qualidade lhe aumentava extraordinàriamente o prestígio junto às mulheres.

Não obstante, ao iniciar-se esta narrativa, o conde Guy de Kérantrec andava um pouco preocupado. Preocupações de dinheiro, eis a verdade. Derretera-se em suas mãos a última remessa de numerário feita por sua tia, e o próximo cheque só lhe seria enviado dentro de quinze dias. O momento era catastrófico, bem se vê, tanto mais que os seus amigos já não lhe davam crédito e êle devia 7.000 francos ao «barman».

Para cúmulo do caiporismo, Guy havia recebido pela manhã um telegrama de sua tia, telegrama que não deixava de inquietá-lo sobremaneira. Dizia assim:

«Estou farta tua deplorável conduta. Ponto. Espero-te já. Ponto. Tenho casamento em vista. Ponto. Do contrário, nem mais um real. Ponto. Hermine».

Com efeito! Além de pretender subtraí-lo aos encantos da Riviera, sua tia igualmente pensava em casá-lo, a êle, um adversário encarniçado do casamento, chegando ao ponto de ameaçar cortar-lhe os meios de subsistência! Era incrível!

E o jovem conde, no bar do Palm-Beach, degustava tristemente um «cocktail», talvez o último de sua vida boêmia, quando teve uma idéia. Chamou o «barman».

— Ouça — disse êle — trata-se de salvar a minha vida... Empreste-me cinquenta luizes.

O «barman» recusou ao primeiro choque. Guy advogou a sua causa, e de tal maneira o fêz que o bom homem acabou cedendo uma vez mais.

Radiante, Guy se aproximou de



O exotismo de Martinica: Anita, encantadora como mil outras mulheres, também entra nos planos do Conde.



Título original:

(UNNE FEMME PAR JOUR)

ELENCO:

JACQUES PILLS	Guy de Kérantrec
DENISE GREY	Hermine de Kerantrec
DUVALLÈS	Léon
ROBERT BURNIER	Ali-Bey
DANIÈLE GODET	Sabine
GINETTE BAUDIN	Conchita
DAISY DAIX	Peggy
MARIE-REINE KERGALL	Marika
GILL MURIEL	Chrysis
COLETTE GEORGES	Aicha
FORTUNIA	Anita
XÉNIA MONTY	Brigitte
MAX ELLOY	O «barman»

Rodado nos estúdios Saint Maurice — Distribuição da França Filmes do Brasil — Direção de Jean Boyer.



A jovem Sabine, uma das 7 audaciosas pretendentes ao coração irrequieto do Conde Guy de Kerantrec.

uma das mesas de «baccarat», onde tinha como adversário o príncipe Ali Bey (Robert Burnier). As partidas se sucederam e o jovem conde ganhou seis milhões...

Ganhou-os, entretanto, sob palavra, o que não lhe adiantava absolutamente nada.

Tinha, por certo, confiança na palavra do príncipe, e êste lhe prometera regularizar a dívida no prazo de quarenta e oito horas.

Embora sem estar ainda de posse da bela fortuna que a sorte lhe trouxera, Guy voltou alegremente ao bar, onde de novo se lhe abria um crédito ilimitado.

Já não precisava mais regressar à Bretanha.

★

A senhora marquesa de Kérantrec, para receber seu sobrinho, cujo regresso aguardava um pouco prematuramente, organizara uma pequena festa no castelo de sua propriedade.

Sabine (Danièlle Goket), adorável jovem de dezonto anos, bastante moderna, fôra também convidada juntamente com seus pais. Sabine era afeiçoada da senhora de Kérantrec, e com ela é que esta contava para desposar o jovem conde seu sobrinho.

Léon (Duvallès), o homem de confiança da marquesa, encarregado de receber o nosso herói, voltara sòzinho da estação, e alguns minutos mais tarde um telegrama proveniente de Cannes provocava um arrepio entre os convidados:

«Não tenho nenhuma intenção casar-me. Ponto. Fico onde estou. Ponto. Guy».

A marquesa de Kérantrec estêve a ponto de desmaiar ante a pública afronta que lhe era feita.

Para grande surprêsa de todos, porém, Sabine declarou que tudo isso era muito divertido e que ela gostava mais dos homens que sabiam o que queriam do que de muitos jovens seus conhecidos, sempre submissos aos seus caprichos, mas que no fundo não passavam de uns pobres caçadores de dotes.

Vários daquêles com quem ela dançara se sentiram diretamente visados, mas tiveram bastante bom senso para não o demonstrar.

A senhora de Kérantrec decidiu partir imediatamente para Cannes a fim de falar a seu sobrinho, recusando levar Sabine em sua companhia.

★

A chegada da tia Hermine ao cassino não foi das mais apreciadas por Guy. Êste viu-se desde logo mimoseado com os epítetos de libertino, mandrião e outros igualmente extremados, com o acréscimo de que daí por diante não mais deveria contar com a mensalidade.

Guy encolheu os ombros, mas o prazo de quarenta e oito horas, pedido pelo príncipe Ali Bey, atingiu o seu têrmo sem que êle recebesse um só real dos seis milhões que lhe eram devidos.

O rapaz, sem querer reclamar pessoalmente essa importância, a fim de não revelar a sua necessidade, confiou a Léon as preocupações que o assaltavam, incumbindo-o de fazer a cobrança em seu nome.

— Dou-lhe cem mil francos de comissão — promoteu Guy.

Amolecido ante tal perspectiva, o homem de confiança da marquesa passou-se com armas e bagagens para o partido do jovem conde.

★

O concurso de Léon não produziu, entretanto, qualquer sucesso apreciável em benefício do aflito credor.

O príncipe foi cordial, mostrando-se disposto a todos os obséquios, salvo quanto a um ponto: a regularização de sua dívida. Não lhe restava um ceitil disponível.

Foi nesse momento que se produziu um fato, banal na aparência, e que a princípio deixou o pobre Léon indiferente: uma mulher entrou no salão e saltou ao pescoço do príncipe, exclamando:

—Meu querido!

O príncipe apresentou-a a Léon:

— «Madame» Ali Bey.

Mas o que fêz com que Léon quase perdesse os sentidos de estupefação foi quando entrou uma segunda, depois uma terceira, uma quarta... Êle contou sete, e tôdas elas tinham abraço e beijado o príncipe, chamando-o «meu querido!», e até, com a maior naturalidade do mundo, ia apresentando-as:

— «Madame» Ali Bey...

E assim até sete vêzes.

Que! o príncipe tinha então sete mulheres. O bravo Léon ignorava sem dúvida que entre os príncipes orientais a poligamia não é um delito.

O que êle, porém, não ignorava, como homem habituado de há muito a defender os interêsses de Kérantrec, era o valor das jóias que cada uma daquelas mulheres trazia.

E após deixar que, durante alguns instantes, o príncipe desse expansão à alegria e à ternura inspiradas pelas suas espôsas expulsas de seu país por uma revolução, Léon fêz-se discretamente notar:

— Príncipe, segundo me parece...

— Ah! o senhor ainda está aqui? Mas não compreendeu? Eu tive



Sabine, adorável jovem de 18 anos e bastante moderna, contava desposar o jovem Conde.



As lindas garotas que passavam as férias na Côte D'Azur não podiam deixar de ser cortejadas pelo Conde, homem que tencionava formar o mais grandioso harém — com as mais belas mulheres.



Sabine — a cujo destino não pôde fugir o Conde, tornou-se, por isso, o idílio de seu coração.



O Conde, despreocupado, em plena euforia de seus 20 anos, professava a opinião de que o único lugar digno de se viver era a Côte D'Azur.

os meus bens confiscados pela revolução!

Léon esperava manhosamente êsse momento:

— Sim — disse êle — mas as suas espôsas possuem jóias...

— Nunca! — protestou o príncipe — Eu jamais poderia tirar-lhes o que lhes dei!

— Não é necessário — interveio Léon — o senhor nos confiará as jóias em penhor, deixando-nos também suas espôsas.

Revoltou-se o príncipe, mas pouco depois acedeu em assinar um documento, pela qual entregava suas sete espôsas ao conde Guy de Kérantrec, assim como as respectivas jóias, até quando pudesse resgatar a dívida contraída com aquêle ilustre fidalgo francês. Impunha, no entanto, uma condição: o senhor Léon se responsabilizaria pela fidelidade das «madames» Ali Bey para com o seu espôso legítimo, de vez que tal empréstimo representava tão sòmente uma garantia de valor, não tendo o senhor conde Guy de Kérantrec, pelo fato de se tornar possuidor do harém do príncipe, o direito de fazer uso do mesmo como bem lhe parecesse.

Concluiu-se o acôrdo. As senhoras protestaram com veemência, mas seu amo e senhor logrou afinal fazê-las ouvir a linguagem da razão, menos a uma, Brigitte (Xénia Monty), que fugiu enraivecida e batendo as portas.

★

Guy mostrou-se agradàvelmente surpreendido pela maneira de como Léon agira em defesa de seus interêsses, mas quando Hermine de Kérantrec teve conhecimento da impossibilidade de casar o sobrinho, desde que êste se tornara proprietário de um harém de sete mulheres, graças à habilidade de seu homem de confiança, assaltou-a uma cólera terrível. O pobre Léon não sabia o que pensar. Quanto a Guy, a reação era diferente: o rapaz dançava em seu quarto cantarolando jubilosamente.

— Uma mulher por dia... Trá lá lá... Lá lá lá...

A essa altura dos acontecimentos, Sabine chegou também a Cannes. Como se sabe, apesar de seu pedido, a marquesa se tinha recusado a trazê-la em sua companhia. E', porém, muito lifícil impedir que uma mulher faça o que lhe dá na telha, sobretudo quando ela tem, como era o caso de Sabine, um caráter assás independente e uma vontade muito bem dirigida.

E a trêfega afilhada da marquesa de Kérantrec decidiu desde êsse momento jogar também a sua cartada na interessante partida. Aquêle jovem rebelde despertara-lhe um profundo interêsse.

E ela resolveu conquistá-lo.

★

Estava previsto que nesse mesmo dia o conde tomaria posse da vila do príncipe a fim de ser apresentado às senhoras Ali Bey.

O príncipe e Léon estavam, entretanto, inquietos. Só havia até agora seis mulheres. Como saldar o compromisso assumido com tão exigente credor?

Mas tudo se conciliou graças ao mais curioso dos acasos.

Guy, ao cair da tarde, fôra rondar pelas cercanias da vila, interessado em conhecer a disposição do l ocal e, se pissível, as «suas mulheres».

Sucedeu que Sabine tivera também a idéia de visitar aquela vila, onde iria residir o homem que ela, após tê-lo uma vez entrevistado, já considerava um pouco seu noivo.

E ambos se encontraram.

Guy julgou tratar-se de uma das espôsas do príncipe, achou-a bastante encantadora e não escondeu sua admiração.

Alguns instantes depois, sabedora de que uma das mulheres do harém batera em retirada, Sabine teve a idéia de fazer-se passar pela sétima espôsa. Dessa maneira, segundo julgava, tinha tôdas as probabilidades de atrair a atenção de Guy e por fim conquistá-lo.

De seu lado, Hermine de Kérantrec, preocupada em vigiar seu donjuanesco sobrinho, que ela sabia bastante audacioso e de quem conhecia os numerosos sucessos junto às mulheres, pedira ao príncipe que a tomasse ao seu serviço, a fim de velar sôbre a fidelidade de suas espôsas. Ali Bey, interessado na mesma coisa, aceitou o ajuste.

Narrar a estupefação da marquesa, quando esta viu sua afilhada apresentar-se como a sétima espôsa do príncipe, seria supérfluo. Quem, entretanto, se sentiu muito feliz com o fato foi o jovem conde que, ao lado da petulância de Peggy, americana (Daisy Daix), o encanto de Marika, a húngara (Marie-Reine Kergal), a sedução de Anita, a cubana (Fortuna), a sensualidade de Conchita, a espanhola (Ginette Baudin) e o mistério de Chrys e Aicha, a grega e a turca (Gill Muriel — Colette Georges), encontrava em Sabine tôdas as qualidades reunidas.

Sem mesmo o saber, apaixonara-se pela jovem, e esta, que de tudo estava ciente, punha o seu empenho em aproveitar-se disso para uma vitória esmagadora.

Sabine lutou com imensa dificuldade para convencer sua madrinha das vantagens de seu método, mas acabou vencendo. A marquesa, de resto, como se achava presente, podia ficar descansada, pois era-lhe facílimo velar pela segurança de sua jovem protegida. Ademais, não tinha Sabine razão de querer provar a Guy, ante o seu desdém pelas moças, que estas podem ser tão adoráveis como uma mulher feita?

E a marquesa decidiu ajudar Sabine da melhor maneira possível.

Entretanto, se Guy não gozava do direito de exercer tôdas as prerogativas do príncipe, em com-

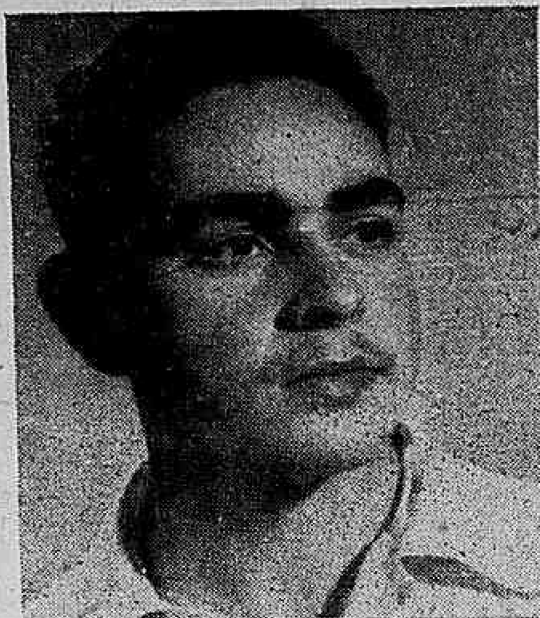
(Cont. na pág. 27)

Conchita — espanhola — era uma séria concorrente ao coração do Conde Kerantrec.

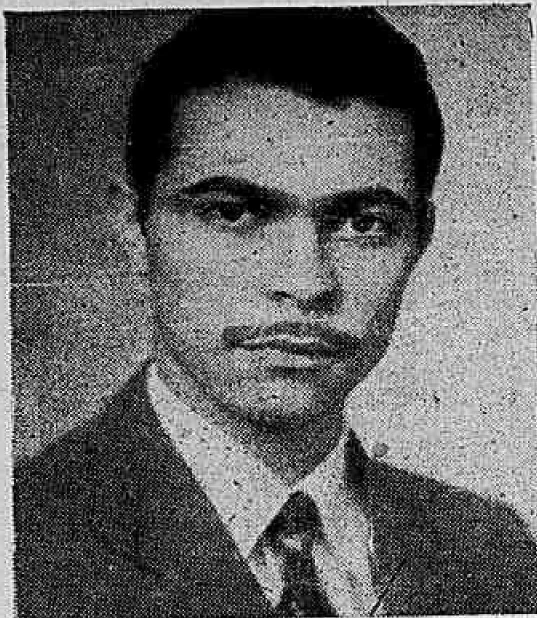


CANDIDATE-SE AO CINEMA BRASILEIRO

Um fato curioso acaba de acontecer com relação a ésta seção. Um leitor, interessado talvez por um dos candidatos, se não fôr êle próprio o autor dessa «ingenuidade», mandou imprimir centenas de folhetos, subscritando vários envelopes, com nomes diversos, apontando o seu «candidato favorito», como sendo o vencedor dêste «concurso». Mas acontece que isto não é concurso — mais uma vez repetimos — e as suas centenas de carta (cêrca de 700) tiveram um trabalho inútil. Trata-se apenas de uma «chance» que esta revista oferece aos seus milhares de leitores, interessados em ingressar no cinema. Apenas estamos dando um impulso na sua sorte e no seu talento. O resto corre por conta do Destino.



FICHA 173 — PAULO PINHEIRO, 19 anos, 1,70 de altura, 68 quilos, curso ginasial, taquígrafo correspondente, experiência de rádio-teatro, deseja ser ator. Reside em S. Paulo.



FICHA 174 — ADÉLIO LEMBI, 20 anos, 1,70 de altura, 60 quilos, curso ginasial. Profissão: cinematográfico (?). Deseja ser ator dramático. Reside em Belo Horizonte.



FICHA 175 — GALENO OLIVEIRA COSTA, 21 anos, 1,72 de altura, 60 quilos, curso primário comerciário, deseja ingressar no cinema, papéis rurais. Reside em Muriaé, Minas.



FICHA 176 — BRASIL H. MONTENEGRO, 17 anos, 1,71 de altura, 59 quilos, 1º ginasial, auxiliar de escritório, deseja ser ator. Dizem os amigos que é bom nadador. Reside em Januária, Minas.



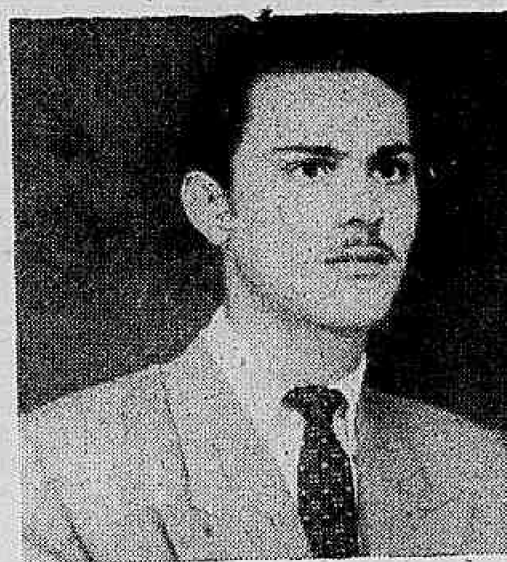
FICHA 177 — MARIA SOARES, 20 anos, 1,53 de altura, doméstica, tem grande vontade de ingressar no cinema nacional como atriz, gênero dramático. Reside em S. Paulo.



FICHA 178 — ARLETE N. GONÇALVES, 20 anos, 1,55 de altura, 48 quilos, curso ginasial, dactilógrafa, toca piano, deseja ser atriz dramática. Reside em S. Paulo.



FICHA 179 — VIANTE NOVAIS DA SILVA, 17 anos, 1,75 de altura, 69 quilos, 1º ginasial, balconista, deseja ser ator. Pede para não esquecerem dêle. Reside em São Paulo.



FICHA 180 — WALDIR BARBOSA, 20 anos, 1,68 de altura, 57 quilos, curso ginasial, comerciário, experiência de teatro amador, deseja ser ator. Reside no Rio de Janeiro.



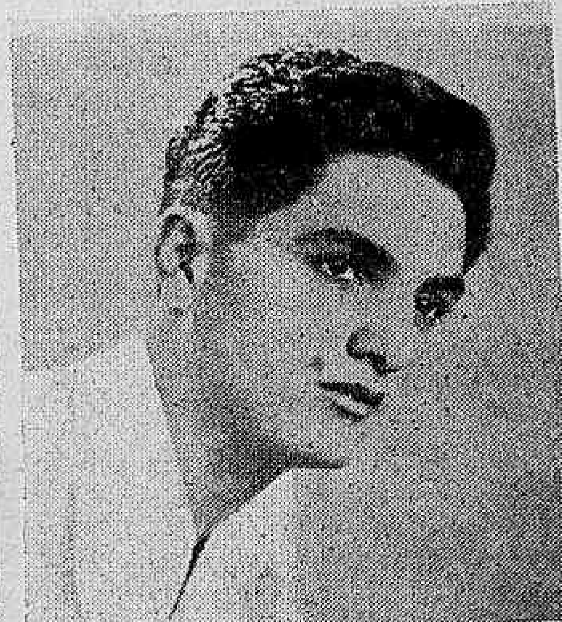
FICHA 181 — DONIZETTE DA SILVA PRIMO, 21 anos, 1,70 de altura, curso primário, comerciário, experiência de programas de calouros, deseja ser ator. Reside no Rio.



FICHA 182 — IBERÊ DA SILVA PÔRTO, 26 anos, 1,77, 80 quilos, curso ginasial, dactiloscopista, já representou Shakespeare, toca flauta, fala inglês e alemão, deseja ingressar no cinema, diversos gêneros. Reside em Rio Claro.



FICHA 183 — JOSÉ ALVES, 24 anos, 1,80 de altura, 63 quilos, curso primário, fotógrafo, experiência de teatro amador, deseja ser ator cômico. Reside no D. Federal.



FICHA 184 — DARIO ARTAXERNES, 17 anos, 1,70 de altura, 54 quilos, curso científico, estudante, deseja ingressar no cinema, gênero musical. Reside em Presidente Prudente.



FICHA 185 — PAULO BAUER, 17 anos, 1,82 de altura, 68 quilos, curso ginasial, estudante, experiência de teatro, deseja ser ator dramático. Os amigos chamam-no de Victor Mature, devido à semelhança, segundo afirma. Reside em Curitiba.



FICHA 186 — ADELARDO JOSÉ DE OLIVEIRA, 16 anos, 48 quilos, 3º ano primário, empregado do comércio, sem experiência artística. Observações: Tem saúde mas não tem físico Deseja ser ator. Reside em Itabaiana, Sergipe.

FICHÁRIO

Nome ....

Idade ....

Altura ....

Pêso ....

Cursos ....

Profissão ....

Gênero que deseja abraçar ....

Experiência artística ....

Toca algum instrumento? ....

Observações (á critério do candidato) ....

....

COUPON

Assinatura ....

....

Endereço ....

....

Telefone ....

Cidade ....

AOS LEITORES

que ainda desejam inscrever-se, e que são muitos certamente, pedimos preencher o fichário e anexar o coupon, juntando uma fotografia em papel brilhante, para melhor reprodução, cujo nome deve ser escrito no verso, a fim de evitar confusão e facilitar o nosso trabalho.

AOS PRODUTORES

que se mostrarem interessados por algum dêsses candidatos, pedimos a fineza de nos escreverem, indicando não só o número da ficha como o nome do candidato e a data da revista em que a foto do mesmo foi publicada.



FICHA 187 — MIRELLA GUGLIELMI, 15 anos, 1,60 de altura, 45 quilos, cursando o ginasial, estudante, fala inglês, francês, italiano, árabe e português. Deseja ser atriz. Reside em S. Paulo.



FICHA 188 — FRANCISCA F. DE OLIVEIRA, 25 anos, 1,52 de altura, 52 quilos, curso ginasial, bancária, estuda inglês e canto, deseja ser atriz em pequenos papéis. Reside em S. Paulo.

ESTADOS UNIDOS

(Cont. da pág. 17)

rada na Broadway de «Roberta», peça em que ambos apareciam em pequenas pontas. ★ ANN BLYTH, cuja bonita voz nunca foi levada em conta anteriormente, tem oportunidade de apresentar suas qualidades de boa cantora que é, na produção em tecnicolor da Metro «O Grande Caruso», onde ela faz o papel da espôsa do grande tenor, ao lado de Mário Lanza. Canta a canção-sucesso «A Noite Mais Linda do Ano», numa comovente sequência de aniversário. «O Grande Caruso» inclui em seu elenco famosas figuras do mundo operático atual: Dorothy Kirsten, Jarmila Novotna, Blanche Thebom.

UMA MULHER POR...

(Cont. da pág. 25)

pensação nada o impedia de se tornar o fiel servidor daquela que, de acôrdo com o dia da semana, deveria pertencer-lhe de direito se o harém, ao invés de constituir apenas um penhor intocável, fôsse uma doação pura e simples aberta a tôdas as regalias.

O encanto do rapaz não as deixava, porém, insensíveis, e, durante tôda a semana, Sabine, tia Hermine e Léon não tiveram mãos a medir para interromper, a cada instante, os doces colóquios travados entre Guy e uma qualquer das spôsas do príncipe.

Sabine desenvolvia um zêlo admirável na sua vigilância, pois começava a amar de todo o coração o incorrigível boêmio e desagradava-lhe vê-lo nos braços de tantas mulheres.

Guy, de seu lado, nada mais pedia senão abandonar tôdas elas em favor de Sabine, a «espôsa» de sua preferência, mas esta, ardilosa e prudente, escapava-lhe das mãos antes que êle conduzisse as coisas para um terreno demasiado resvaladio.

A semana decorreu sem novidades. No domingo, porém, Guy verificou que não conseguira beijar uma única vez as «suas mulheres». Sentia-se decepcionado. Nunca o deixavam a sós com nenhuma delas, e tôdas, seduzidas pela mocidade e encanto de seu novo e provisório proprietário, maldiziam Sabine, Léon e a marquesa que sempre os separavam.

Agora, domingo, era, por fim, «o dia de Sabine», mas Brigitte, a que batera em retirada, regressou nesse dia e desmascarou tôda a farsa.

Guy, furioso por terem zombado dêle, chegou a querer vingar-se... mas já era tarde. Estava prêso e bem prêso pelo amor de Sabine.

E tudo voltou fàcilmente aos eixos, pois o príncipe, nesse mesmo dia, pôde pagar sua dívida ao conde, reapossando-se logo de suas sete mulheres.

E Sabine, falsa «madame Ali Bey», tornou-se a verdadeira e única senhora Guy Kérantrec, para grande júbilo de tia Hermine, de Léon e também — se é que ainda precisamos dizê-lo — dos dois principais interessados no caso.

TUDO MUITO BEM HUMORADO... E MALICIOSO TAMBEM !

ESCÂNDALOS de PARÍS

(LA DAME DE CHEZ MAXIM)



EXTRAIDO DA OBRA DE
GEORGES FEYDEAU

direção de
MARCEL ABOULKER



IMP. 14 ANOS
COMP. NACIONAL

HOJE

PATHÉ
FONE 22-8795

PARA TODOS SÃO JOSÉ

LEME

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ...

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Coluna do fan

JOHN BARRYMORE, O ESQUECIDO

HÁ muitos anos passados, quando eu era ainda um garôto de uns oito para dez anos, assisti a um filme cujo título era "Mulher Invisível"; mal sabia que aquela fita era a última aparição de um grande astro. O trabalho de um ator caracterizado de velho ficou-me na lembrança. Anos mais tarde, vim a saber que aquêle ator tinha sido John Barrymore. Hoje, ao ler a biografia de Gene Fowler sôbre o grande artista do passado, sinto cada vez maior uma forte admiração por aquêle que foi o maior intérprete americano da sua época, hoje esquecido.

John Barrymore era filho de artistas. Seus irmãos — Lionel e Ethel, já estavam na ribalta quando o caçula da família abraçou a carreira que o seu sangue reclamava. No teatro, John Barrymore encontrou seu verdadeiro caminho. De peça para peça seu nome ia tornando-se conhecido, até que veio o seu grande triunfo na tragédia "Hamlet". Do teatro para o cinema foi um pulo. Naquele tempo, o cinema, então silencioso, procurava atrair os nomes já famosos no palco. Na sétima arte, o sucesso de John Barrymore foi marcado com películas como: "Sherlock Holmes", "A Fera do Mar" e muitas e muitas outras fitas que correram mundo. O mais moço dos Barrymores era aclamado em tôda parte o "maior" do cinema americano. Seus filmes eram atestado de bilheteria.

Veio o cinema falado. O som, que derrotou tantos artistas de renome, prestigiou o grande astro. De início, apareceu em "D. Juan", foi o companheiro de Greta Garbo em "Grande Hotel", figurou na versão "yankee" de "Manon Lescaut', teve um grande desempenho ao lado de Katie Hepburne em "Vítimas do Divórcio". Sua fama era cada vez mais alta, porém Barrymore não era feliz. Vivia insatisfeito. Casou-se quatro vêzes, tendo sido espôso da atriz Dolores Costello. Depois da sua aparição em "Maria Antonieta", o notável ator começou o seu declínio. Sentia-se doente, não tinha mais fôrças para reagir contra a enfermidade que o atormentava. Era então desperdiçado o seu talento em fitinhas medíocres como "Eterno D. Juan" "Espiões do Eixo", etc.

O maior intérprete da tragédia shakespeareana em palcos americanos, terminava assim uma grande carreira.

John Barrymore faleceu em maio de 1942, deixando para trás seu passado glorioso. Hoje em dia, quase não se fala no renomado artista. Parece que é uma sina dos grandes astros serem esquecidos e o intérprete de "Moby Dick" não foge à regra.

Geraldo Edson (Natal)

★

HOMENAGEM SINCERA A SADÍ CABRAL

O presente artigo tem como única finalidade prestar uma homenagem sincera a um dos maiores artistas brasileiros, entre os que militam no teatro, no rádio e no cinema.

Trata-se de Sadi Cabral, essa figura ímpar, que tanto o público tem aplaudido, através de suas películas, de seus trabalhos radiofônicos e de suas "performances" teatrais.

Sadi de Sousa Leite Cabral, é o nome completo de nosso biografado, tendo nascido no dia 10 de setembro de 1906, em Maceió, Alagoas. Muito jovem ainda, veio para o Rio de Janeiro iniciar o Curso Ginasial, completado mais tarde em Curitiba, retornando depois ao Rio para prestar o exame vestibular de Medicina.

Nesta cidade, iniciou sua carreira artista, cursando a Escola Dramática Municipal, mantida pela Prefeitura, tendo como professôres Coelho Neto, João Ribeiro, Eduardo Vieira, José Oiticica, Fernando Magalhães e Oduvaldo Viana. Sua estréia deu-se na Companhia de Lucília Peres na peça "Maria Antonieta", representando uma "ponta". A seguir trabalhou com Leopoldo Fróis, e ingressou na Companhia Abigail Maia-Oduvaldo Viana.

Em 1927, tornou-se bailarino, fazendo o Curso de Danças do Teatro Municipal. Chegou a primeiro bailarino, tomando parte em vários espetáculos oficiais. Porém, surgiram algumas dificuldades nesta carreira, que o fizeram retornar ao palco como ator. Estreou também no Rádio, atuando como amador na Rádio Mayrink Veiga (8 de abril).

Na Companhia Jaime Costa, realizou uma de suas maiores criações, "Mestre Catilino", em "Carlota Joaquina", com Itala Ferreira, Darcy Cazarré, Déa Selva e Custódio Mesquita, excursionando por todo o Brasil. Outra de suas grandes "performances" foi em "Iáiá Boneca", com Lúcia Delor, Rodolfo e Lourdes Mayer e Elsa Gomes, na Companhia Delorges Caminha.

Em 1938, no dia 26 de abril, reapareceu na Rádio Mayrink Veiga (Programa Casé), já como rádio-ator, produtor e diretor, tornando-se desde então um dos maiores homens do rádio brasileiro, e intercalando suas atividades no sem-fio, com o teatro e o cinema.

Sua estréia no "movie" foi em "Pureza", da Cinédia, com Procópio Ferreira, Conchita de Morais, Sônia Oiticica e Roberto Acácio. De novo no teatro vamos encontrá-lo em São Paulo com Bibi Ferreira, nas peças "A Carreira de Zuzu", "Angelus" e "Rebeca', com Graça Melo, Luis Tito, Jorge Diniz e Henriete Morineau. Com a Companhia Chianca de Garcia, no Teatro Carlos Gomes, do Rio, em "Sonho Carioca", ao lado de Lourdinha Bitencourt e Grande Otelo, entre outros. A seguir, também para Chianca, fêz "A Volta ao Mundo", com Matilde Broders, Zé Fidelis e Dalva de Oliveira. Ingressou na Companhia Sandro Polônio, estrelando "Estrada do tabaco" (seu maior êxito no teatro) e "Teresa Raquin", ambas com Maria Dela Costa, Itália Fausta e Josef Guerreiro.

Voltou a trabalhar com Chianca de Garcia. porém, em companhia dramática, em "O Que Matou por Amor", com Luis Tito, Alice Archambeau, Alexandre Carlos e Vahita Brasil, e voltou também ao cinema, atuando em "Inconfidência Mineira", da Brasil Vita Filmes, com Carmen Santos e Rodolfo Mayer. Entrou para a Companhia Artistas Unidos de Henriete Morineau, estrelando "Elizabeth da Inglaterra", com Luis Tito, Alvaro Aguiar e Flora May, excursionando por todo o norte do país. Estrelou ainda "Vestir os Nus", com Luísa Barreto Leite e Z. Ziembinski e o Festival Martins Pena, com "Festa na Roça", ao lado de Dulcina, Odilon, Luis Tito, Sérgio Cardoso, Procópio Ferreira, Olga Navarro, Silveira Sampaio, Jardel Jércolis Filho, Aimée e Palmeirim Silva.

Já então era um dos principais radiatores da Rádio Globo, onde são sem conta os êxitos obtidos, quer em novelas, quer em vários programas. Contratado pela Atlântida, apareceu em "Terra Violenta", com Anselmo Duarte, Graça Melo, Celso Guimarães, Maria Fernanda, Heloisa Helena e Luísa Barreto Leite. "Inocência", da Brasil Vita Filmes (Carmen Santos), foi seu filme seguinte, ao lado de Maria Dela Costa e Cyl Farney, e "Caminhos do Sul", ao lado de Maria Dela Costa, Orlando Vilar, Tônia Carreiro e Roberto Acácio, foram seus trabalhos seguintes no cinema.

Fêz uma breve incursão no teatro, dirigindo "O Carteiro do Rei", com Maria Fernanda, e trocou a Rádio Globo pela Rádio Mayrink Veiga, onde, no entanto, só ficou dez meses, ingressando em seguida na Rádio Ministério da Educação, onde atualmente se encontra.

De novo no cinema, ei-lo ao lado de Fada Santoro e Cyl Farney em "O Pecado de Nina", relembrando o êxito de "Escrava Isaura". Para

Mário Latini Filho, gravou a voz de uma das figuras do desenho "Sinfonia Amazônica", com Almirante, Estelinha Egg e José Vasconcelos, entre muitos outros. Em São Paulo, contratado pela Maristela, protagonizou "A Carne", com Mary Ladeira, co-produção da Brasil Arte Filmes.

Entre os muitos planos de Sadi Cabral para o cinema brasileiro, podem ser citados "Cangaceiros", da Proarte, "Mar Morto", dos Artistas Associados, "Bárbara Heliodora" e "A Flor e o Sapato", ambos de Carmen Santos na Brasil Vita Filmes.

Esta é a homenagem que queríamos prestar a Sadi Cabral, essa grande figura da arte cênica nacional, focalizada aqui a largas pinceladas, para tornar possível a sua execução num simples e despretensioso artigo.

Araken Júnior (Santos)

★

HORIZONTE PERDIDO

Rafles

Rua do Delfim Verde

Atlântida.

O Meu Amado

Desde que Partiste que trago uma *Angústia Abrasadora* na minha *Alma Torturada* pela *Ilusão Perdida* porque *Tarde Demais* vi com *Desespêro* que você *é O Homem que Eu Amo. Ninguém Crê em Mim*, mas sòmente *O Mundo é Culpado* por êste *Sonho Desfeito, Na Noite de 23 de Maio* em *Casablanca.*

Com *Ódio no Coração* partiste pelo *Transatlântico de Luxo* para *Roma, a Cidade Aberta* e eu com *Inverno n'Alma,* mando pelo *Correio do Rei* esta *Carta* que é a *Suprema Decisão* desta *Paixão Impossível.* Estás *Longe dos Olhos* mas és *O Homem de Meus Amôres* e *O Tempo Não Apaga* a *Promessa Cumprida* no nosso *Último Encontro. Noite Após Noite,* ouço *Uma Voz nas Trevas* dizer-me: — *Odeio-te Meu Amor!!!*

Por Um Ideal darei *Um Passo Além da Vida,* provando que *De Amor Também se Morre,* mas *Graças à Minha Boa Estrêla,* tenho *Grandes Esperanças* que, ao menos *Uma Vez na Vida,* suportarei esta *Jornada de Pavor.*

Porém, *Meu Pecado é A Sombra de Uma Dúvida* que me faz pensar numa *Rival Sublime,* mas *O Amor Vence Tudo, é Mais Forte Que a Vida. Tem Que Ser Você* o meu *Sonho Maravilhoso* nesta *Noite Eterna* em que *O Ponteiro da Saudade* marca *Horas de Tormentas. Nunca Me Esqueci* que *Deus Me Deu Um Amigo* naquela *Noite Inesquecível, Esquecer Nunca!*

Na Solidão da Noite meu *Coração Prisioneiro* sente *Saudades de Teus Lábios,* dêstes *Lábios Que Escravizam.*

Ao chegar ao *Clímax* dêste *Divino Tormento,* nós ligaremos com *Laços Eternos* esta *Verdadeira Glória,* porque *A Glória de Amar é O Caminho da Vida.*

Quero-te Junto a Mim, é O Meu Maior Amor e *Nunca é Tarde* para a *Reconciliação. Amar Foi Minha Ruína,* mas *Bem-aventurados os Que Amam,* porque *As Loucuras da Mocidade* são *Os Sonhos Dourados* dos *Corações Enamorados, Amemos Outra Vez* porque *O Amanhã é Eterno* e *Do Mundo Nada se Leva.*

Quando os Destinos se Cruzam há um *Intermezo* nas *Duas Vidas,* que é *O Fim ou Princípio* de um *Eterno Conflito.* Êste *Conflito Sentimental* é como *Viver Sonhando* num *Pesadelo Horrível* como um *Farrapo Humano* carregando *A Cruz de Um Pecado.*

Penso que *Nem o Céu Perdoa,* mas *O Amor Que Me Deste,* foi como *O Toque Mágico* para a *Alvorada do Amor* anunciando que *Uma Nova Aurora Surgirá.*

Em *Êxtase* espero êste *Encontro de Amor* na *Ponte de Waterloo* e num *Impulso Maravilhoso* eu me atiro *De Corpo e Alma* em seus *Braços Abertos,* para com *Orgulho* passarmos sob *O Arco do Triunfo* para a nossa *Grande Aurora.*

Quero-te Como És, porque *Ainda Vive Nosso Amor,* e *Agora Seremos Felizes, Até Que a Morte nos Separe.*

Serei Sempre Tua,

Roseana, A Filha do Comandante.

(Pensando sempre em você).

Eliana Xavier (Poços de Caldas)

ITINERÁRIO DA MÚSICA

(Cont. da pág. 15)

sião de aplaudir a algum artista. Como exemplo, poderia citar a cidade do Crato, no interior do Ceará, onde, por incrível que pareça, até a data em que lá me apresentei, nenhum outro concêrto havia sido levado a efeito até então."

Gostaríamos de levar avante a nossa palestra, mas o tempo passava, e outros afazeres nos esperavam, por isso nos despedimos de Arnaldo, que, apesar de sua atuação internacional, pois além de ter atuado na Europa, apresentou-se também na Argentina e no Uruguai, do seu reconhecido talento e inegável valor, é uma criatura simples, sempre pronto a trabalhar pela difusão da música sã, proporcionando com sua arte maravilhosa, alguns momentos de prazer àqueles que sabem apreciar a esta sublime manifestação de arte do gênero humano — a música. Boa viagem, pois, Arnaldo, muito sucesso, e até breve!

NOTICIÁRIO

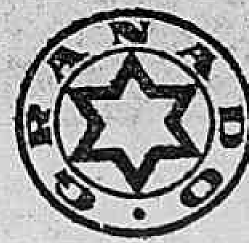
(Cont. da pág. 33)

unificação dos brasileiros. Terminando, as seis bandas reunidas, num conjunto de mais de quinhentos músicos, executaram o dobrado "Rio Branco", de Francisco Braga, e para encerrar, o Hino Nacional, que provocou demorados aplausos de todos os presentes. Será realizada no próximo dia 6 de agôsto, às 21 horas, no Teatro Carlos Gomes, a festa artística em favor da construção do "Sanatório-Abrigo", iniciativa da Federação dos Ranchos e Pequenas Sociedades, quando serão apresentados vários números pelos melhores artistas do nosso teatro, rádio e humoristas, contando ainda com a adesão de diversos dos nossos intelectuais e escritores. Tomarão parte no espetáculo os seguintes artistas: Ari Barroso, Silvino Neto, Flora Matos, Moreira da Silva, Irmãs Falcão, Jack Jabes, Benjamin Constant, o mágico "Nangre", Waldyr Azevedo, Apolo Correia, "Caruzinho", "Mesquitinha", "Julinho", Nelson Alves, Guilherme Cláudio, Raul Milton e conjunto regional Carioca, dirigido pelo maestro Alcebíades Moreira da Costa. ★ *PIANISTA AUSTRÍACO JORGE DEMUS — Terminada a sua "tournée" artística pela América do Sul, transitou pelo Rio, com destino a Roma, em um dos Bandeirantes da Frota Transoceânica da Panair do Brasil, procedente de Buenos Aires, o famoso pianista austríaco Jorge Demus. Um dos grandes nomes da arte pianística internacional, Jorge Demus realizou concorridos saraus musicais em diversas capitais brasileiras, tendo incluído em seu repertório criações de Vila Lôbos e outros destacados vultos da música nacional.* ★ *CANTORA ESPANHOLA PILARIN GARCIA — Procedente de Casablanca, encontra-se entre nós há dias, a cantora internacional Pilarin Garcia. Após uma série de recitais na Bélgica, na França e na Itália, apresentar-se-á a festejada cantora ao público do Brasil. Num gesto caritativo, a Sra. Pilarin Garcia dedicará a renda de seu primeiro recital, a realizar-se no dia 8 de agôsto, às 20,30 horas, no auditório da A.B.I., ao Instituto de Estudos Árabes e Coptas no Egito.*





acaba com as Brotoejas



JOÃO FREY



Cyd Charisse (Foto Metro)

Melodias para você

MÚSICA BRASILEIRA

O ORVALHO VEM CAINDO

Samba — Letra de Kid Pepe — Música de Noel Rosa. — Gravação de Araci de Almeida

O orvalho vem caindo
Vai molhar o meu chapéu
E também vão sumindo
As estrêlas lá do céu
Tenho um passado tão mal
A minha casa é uma fôlha de jornal.

Meu cortinado
É o vasto céu de anil
E o meu despertador
É o guarda civil,
Que o salário ainda não viu.

O orvalho vem caindo, etc.

A minha sopa não tem osso nem tem sal
Se um dia passo bem
Dois ou três passo mal
Isto é muito natural.

A minha terra
Dá banana e aipim
Meu trabalho é achar
Quem descasque p'ra mim
Vivo triste mesmo assim.

O orvalho vem caindo, etc.

★

VEM AMOR

Fox de Paulo Tapajós e Nelson Teixeira. — Grav. de Nelson Gonçalves

Vem
Que importa o grande mal
Que me fizeste um dia
Se ainda te quero
Com devoção
Vem
A vida é sempre igual
Tudo é melancolia
Vem que eu te espero
Meu coração.

Vem amor
Por favor, quero te sentir
Vem acalmar
Meu penar
Meu peito vive a repetir
Vem, Oh! Vem,
Vamos recomeçar
Reconstruir depois
Um novo lar,
Só pra nós dois.

ADEUS, ADEUS, MORENA

Baião de Manèzinho Araújo e Hervê Cordovil. Grav. de Carmélia Alves

Adeus, adeus, morena
adeus, adeus, xodó
tenha dó das minha pena
não custumo a drumi só.

Ai, se o vento sopra lá na mata
ondeia todo capinzá
eu lembro o corpo da morena
qui só qué me vê pená.

Ai, se lá o fogo das queimada
faz o sol avremeiá
me lembra os lábio da morena
qui só qué me vê pena.

★

MÚSICA MEXICANA

AY DE MI

Bolero de Osvaldo Farrés. — Gravação de Ruy Rey

Ay de mi
Si no me quieres
Ay de mi
Si me abandonas
Yo seré
Como una hoja suelta
En el vaiven
De mi tormento
Sufriré
Si no me quieres
Sufriré
Y habrá en mi alma
Un grand dolor
Y a ti tan solo culparé
Mi amor
Toda la vida.

Ayer me dijiste
Que tu me querias
Y hoy te pergunto
Y me dicez talvez
Pero
Ay de mi
Si no me quieres
Ay de mi
Si me abandonas
Yo seré
Como una hoja suelta
En el vaiven
De mi tormento.

O CARTAZ DO MOMENTO



ADELINA GARCIA

MISERIA

Bolero de Miguel Angel Valladares. — Grav. de Adelina Garcia, Discos Odeon. — Juanita Castillo, Discos Copacabana. — Pedro Vargas, Discos Victor. — Los Panchos, Discos Columbia

Camiñé con los brazos abiertos
por hallar un cariño
una sola amistad
Y que es lo que tengo?
Y tu que me diste?
Tan solo mentiras... cansancio
Miseria

Miseria
que llevo en la vida
hace mucho tiempo
como una tragedia escondida
En mi sufrimiento
migaja de besos
limosna de todo
es lo que me han dado
como a un ser malvado
como a un criminal
Miseria
que llena de espanto
porque no me quieres
Miseria
que es odio y es llanto
porque se quien eres
Quien sabe hasta cuando
seguiré esperando
que cambie mi suerte
o venga la muerte como bendicion.

A PEDIDOS

QUANDO O TEMPO PASSAR

Bolero de Herivelto Martins e David Násser. — Gravação de Dircinha Batista

Sei, quando o tempo passar
Ninguém mais vai lembrar
Que nós dois existimos
Sei que nosso amor foi o sonho
De um passado risonho
Que nós dois destruímos

II

Partirei, mas sei que não irei [sòzinho
A noite vai no meu caminho
Partirás, serás feliz na tua estrada
Por outro amor iluminada
Pois não te quero mal nem bem.

SÉ MUI BIEN QUE VENDRAS

Bolero de Nunes. — Gravação de Gregorio Barrios

Nuevamente vendrás hacia mi
yo te aseguro
cuando nadie se acuerde de ti
tu volverás
y otra vez allarás en mi ser
el consuelo para tu dolor.

y otra vez volverá a renacer
nuestra felicidad
nuevamente vendrás hacia mi
yo te aseguro
cuando nadie se acuerde de ti.

Fichário Cinematográfico

FRANKIE



RUTH ROMAN

NASCEU em Boston, Massassuchets, U.S.A. — num dia 23 de dezembro, que a publicidade, não sabemos por que, procura esconder o ano. Ruth Roman, que se chama na vida real Ruth Romam mesmo, é jovem e bonita, uma das grandes revelações do cinema americano, nos últimos anos. Tem 1,67 de altura e pesa 60 quilos; cabelos vermelhos e olhos castanhos, o que não se torna difícil admirá-la em prêto-e-branco, quanto mais em tecnicolor. Começou representando em palcos escolares, desde os tempos em que frequentava a William Blackstone Schooll, em Boston. Subindo sempre, conseguiu chegar ràpidamente a Broadway, onde foi vista por um caçador de talentos que logo a convidou para assinar um contrato em Hollywood. Alí permaneceu algum tempo completamente anônima até que a oportunidade que lhe foi oferecida em "O Invencível", elevou-a ao estrelato. Hoje é um dos maiores "cartazes" dos estúdios dos Irmãos Warner. Ruth fêz, a seguir: "Ninguém Crê em Mim", "A Filha da Foragida", "Barricada", "Filha de Satanás", "O Mundo de um Palhaço", "Calibre 45", "Os Três segredos", "Vingador Impiedoso", "Ciúme que Mata", "Strangers on a train" e "Tomorrou is another day". E' solteirinha e só não casa porque não encontrou ainda a sua outra metade. Interessa-se por tudo que diz respeito ao teatro e cinema. Pratica natação e joga tênis. Escreveu duas histórias que já estão vendidas. Dirige seu próprio carro.

DORIS DAY

NASCEU em Cincinatti, Ohio, U.S.A. Tem 27 anos. Divorciada duas vêzes, casou-se, recentemente com seu agente Melcher. Estreiou em "Romance em Alto Mar", tendo contrato na Warner. E' uma das mais populares cantoras da música norte-americana. Saindo da rotina dos musicais, representou há pouco seu primeiro papel dramático em "Dilema de uma consciência", saindo-se muito bem. E' simpática e sua voz é das melhores, no gênero.



ROBERT MITCHUM

NASCEU em Bridgeport, Coneticut, U.S.A. Tem 34 anos. Casado com Dorothy Spence desde 1940, tem dois filhos, um de 7 e um de 9 anos. Filmes: "30 segundos sôbre Tóquio", "Nevada", "Sua única saida", "Correntes ocultas", "Também somos seres humanos", "Rancor", etc. Tem um olhar sonolento e sua expressão não muda devido, talvez ao abuso de narcóticos, tendo sido prêso e absolvido por causa disso. Agora Bob parece que se regenerou. Breve formará dupla com Jane Russell, formando um dos mais discutidos pares dos últimos anos.



GEORGE SANDERS

NASCEU em Leningrado, Rússia. Tem 45 anos de idade. Estudou na Inglaterra, onde adquiriu aquêle belo sotaque e aquela bela dicção, uma das melhores do cinema. Começou sua carreira no teatro. Filmes principais: — "Lloyds de Londres", "A Enfermeira Edith Cavel". Vários da série "O Santo" e "O Falcão", "Concêrto Macabro", "O Leque", "Sansão e Dalila" e "A Malvada", com o qual recebeu um prêmio da Academia.





MARIE THERESE FOURNEAU

EMBORA, por motivos alheios à nossa vontade, não tivemos a oportunidade de comparecer ao recital da pianista francesa Marie Therese Fourneau, no simpático Teatro Copacabana, não podiamos deixar de apreciar, nesta coluna, as diversas outras atuações que teve entre nós esta jovem pianista. Dizemos diversas outras atuações porque, além do citado recital, Marie Therese apresentou-se também no auditório da Associação Brasileira de Imprensa, e emprestou ainda sua colaboração à Rádio Ministério da Educação, ali atuando por várias vêzes, e onde tivemos oportunidade de ouví-la. Legítima representante da escola pianística francesa, detentora do primeiro prêmio do Conservatório de Paris, em 1942, e do primeiro lugar no Concurso Internacional de Genebra, a ex-aluna de Marguerite Long impressionou-nos sobremodo, pela brilhante técnica apresentada e pela segura interpretação com que procura sempre conduzir as suas execuções. Possuindo Marie Therese uma bela sonoridade, suas escalas e arpejos são sempre obtidos com facilidade e delicadesa. Parecendo nutrir especial predileção por Debussy, a exímia pianista apresenta, quase sempre, com aprimorada arte, as obras dêste genuino representante da moderna música francesa.

NOTICIÁRIO

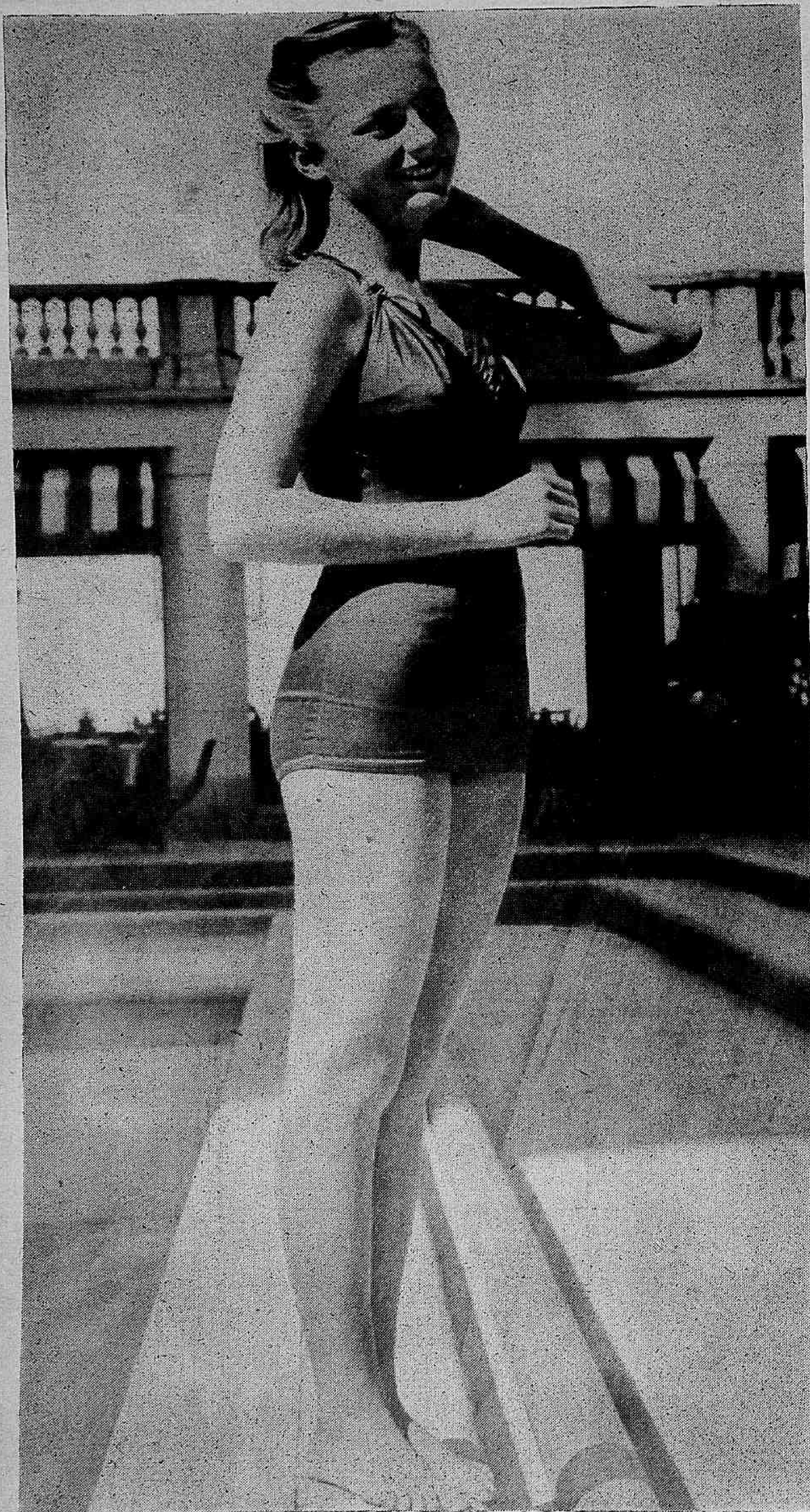
TEMPORADA LIRICA OFICIAL — Acabam de ter o mais destacado êxito as duas assinaturas de Gala e Vesperais, da próxima Temporada Lirica Oficial. Esse resultado é devido, sem dúvida, não sòmente ao elenco artistico, e o mais avultado de quantos foram apresentados em anos anteriores, incluindo um invulgar número de grandes celebridades liricas, como, também, ao interessante repertório, no qual, ao lado de óperas das mais queridas do público em geral, como "Aida", "Manon", de Massenet, "Manon" de Puccini, "Gioconda", "Forza del destino", etc., figuram outras, menos representadas no Rio, mas de alto nivel artistico e cultural, como: "Il Combattimento di Tancredi e Clorinda", uma jóia musical do século XVII, de Claudio Monteverdi, representada com sucesso na recente temporada do "Scala" de Milão, "Orfeu", de Gluck, "Norma", de Bellini, e "Don Carlos", de Verdi, que constituirão solene comemoração do cinquentenário do falecimento do maior compositor italiano. Estas óperas foram incluidas no repertório por indicação da Comissão Artistica e Cultural do Teatro Municipal. ★ CONCÊRTO DE BANDAS MILITARES — Em cooperação com o Fluminense Futebol Clube, realizou-se, domingo último, às 20,30 horas, mais um espetáculo de recreação popular, que constou de um concêrto de Bandas, que também serviu de oportunidade para uma competição artistica entre as bandas do Corpo de Guardas, Fuzileiros Navais, Policia Militar, Corpo de Bombeiros, Escola de Aeronáutica e Policia Municipal. Cada uma das bandas executou uma peça de confronto — a Protofonia do Guarani — e uma de livre escolha. O júri era composto de três professôres da Escola Nacional de Música, srs. Jaiolino dos Santos, Abdon Lira e Djalma Guimarães, escolhidos pelos maestros das bandas que concorreram, um representante do Fluminense — o Maestro Jaime Mendes, sob a presidência do Maestro Spedini, representando a Prefeitura. Cada julgador conferiu pontos que, apurados, deram o primeiro lugar à Banda do Corpo de Bombeiros. Declarou o júri que havia considerado magnificas tôdas as interpretações, mas, na contingência de indicar aquela a que devia ser dado o troféu, escolhia a que tinha obtido maior número de pontos, exatamente a do Corpo de Bombeiros que, além de suas reais qualidades, é a mais antiga da Cidade. O Sr. João Carlos Vital, Prefeito do Distrito Federal fêz entrega da taça de prata ao maestro da Banda do Corpo de Bombeiros e felicitou a todos os músicos das diversas bandas pelo brilho daquela festa de arte e civismo e de

(Cont. na pág. 29)



Este é ROBERTO FUCHS, um verdadeiro menino prodígio brasileiro, que vem causando as melhores impressões nos meios artísticos de Paris. Robertinho, que desde os dois anos tem mostrado verdadeira inclinação pela música, já naquela idade distinguia perfeitamente os diversos autores. Presentemente, em Paris, onde se encontra aperfeiçoando os seus estudos, deverá ser apresentado à platéia daquela cidade em setembro próximo. Logo depois atuará na Rádio Difusão Francesa, executando o Concêrto para piano e orquestra de Mozart, devendo provàvelmente estender as suas apresentações à Itália e Suiça. Na foto, vemos Robertinho em uma de suas últimas apresentações, nesta capital, quando recebia efusivos aplausos do maestro Eleazar de Carvalho, que está a seu lado.

Pausa para meditação



AGENDA DO FÃ

ENDEREÇOS DE ESTÚDIOS

AMERICANOS

R.K.O.-Radio Pictures, 1270, Sixth Avenue, New York, 20.

Republic Pictures Corp., 1790, Broadway, New York, 19.

Selznick Releasing Organization, 9336, W. Washington Blvd, Culver City (California).

Warner Bros, Pictures Inc. 32i. W 44th Street, New York 18.

Paramount Pictures Inc, 1501, Broadway, New York, 18.

Monogram Pictures Corp., 4376, Sunset Drive, Hollywood 27 (California).

20th Century Fox Films Corp, 444, W 56th Street, New York, 19.

Universal Pictures Co Inc, 1250, Av. of the Americas, New York, 20.

United Artists Corp, 729, Seventh Avenue, New York, 19.

FRANCESES

Actualités Françaises, 35, rue François — I Bal. 0514 e 9560 (Paris).

Gaumont Productions, 31, rue François — I Bal. 06-83 (Paris).

Pathé-Cinema, 33, Champs Elysées, Bal. 37-23 (Paris).

Franco-London Films Productions, 31, rue François — I Bal. 06-83. (Paris).

Silvera Films Productions (Ralph Aubert), Nice — Paris.

PORTUGUÊSES

Companhia Portuguêsa de Filmes. Alamêda da Linha das Tôrres, 156 (Lumiar).

Lisboa-Filme. Avenida do Libertador 73,2.

Filmes Portuguêses César de Sá. Avenida Álvares Cabral, 40.

Aliança-Filmes. Avenida Antônio Augusto de Aguiar, 13.

Veja no próximo número
os endereços de estúdios
ITALIANOS — INGLÊSES
— MEXICANOS



EVA LUDMILA KORSAK
(Foto NÓDGI)

Album de

A CENA *muda*

1951

* CINEMA
* RÁDIO
* TEATRO
* MÚSICA

44 FOTOGRAFIAS *

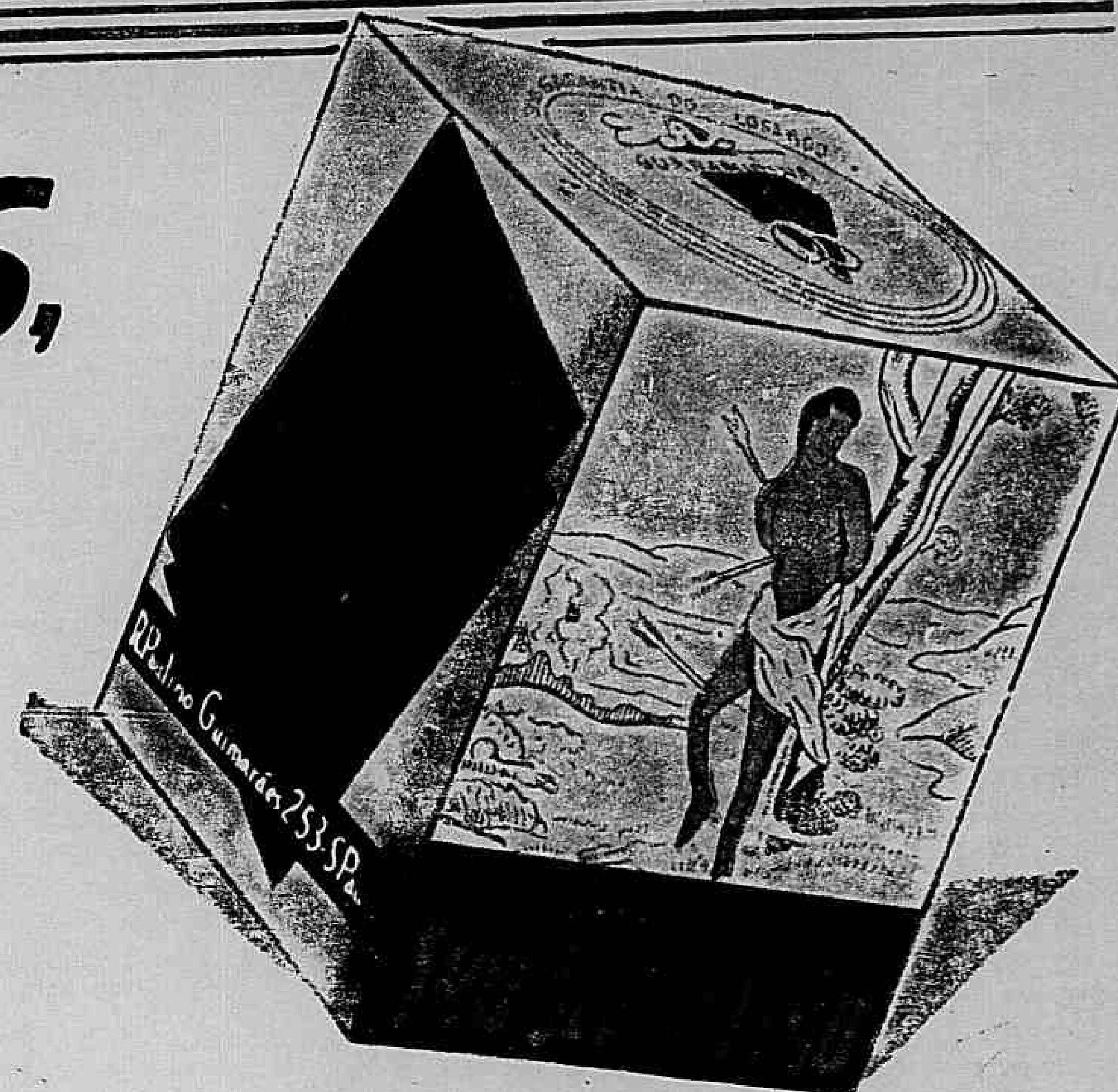
44 BIOGRAFIAS *

4 ARTIGOS *

4 PÁGINAS DE HUMORISMO *

À VENDA

Conserve a sua



SARDAS,
ESPINHAS
E
MANCHAS



Pomada SÃO SEBASTIÃO